

**EDITORIA DE CULTURA:
À DESCOBERTA DE PADRÕES NA AGÊNCIA LUSA**

Maria Joana Cabral Futre

Relatório de Estágio do Mestrado em Ciências da Comunicação
Especialização em Estudos dos Media e de Jornalismo

Março, 2018

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção de grau de Mestre em Jornalismo, realizado sob a orientação científica da Professora Carla Baptista.

Trata-se da versão corrigida e melhorada após defesa pública.

“You think it will never happen to you, that it cannot happen to you, that you are the only person in the world to whom none of these things will ever happen, and then, one by one, they all begin to happen to you, in the same way they happen to everyone else.”

Paul Auster, *Winter Journal*, 2012

“ [...] but there was something juvenile and even laughable about *Archie* in a public context, especially for a writer, and because Archibald Ferguson was not to be considered under any circumstances, the almost eighteen-year-old budding newspaperman decided to suppress his name altogether and go with his initials, in the same way T. S. Eliot and H. L. Mencken had gone with theirs, and thus the career of A. I. Ferguson began. A. I. - known to some as a field of study called Artificial Intelligence - but there were other references buried in those letters as well, among them *Anonymous Insider*, which was the one Ferguson chose to think about whenever he saw his new name in print.”

Paul Auster, *4 3 2 1*, 2017

AGRADECIMENTOS

À Professora Carla Baptista, minha orientadora, pelas sugestões certeiras desde a nossa primeira reunião, crença na proposta de estudo e disponibilidade na concretização do presente relatório de estágio.

A todos os jornalistas da Agência Lusa pelas oportunidades que me deram e pelo auxílio ao longo desta experiência de três meses, em particular à editora da secção de cultura, Maria Augusta Gonçalves, e ao editor adjunto Tiago Dias.

À minha família, em especial ao meu Pai pelo apoio constante e pela paciência que sempre teve comigo.

À minha Mãe e à Avó Luísa pelas memórias de amor incondicional que me ajudam a lidar com as saudades de todos os dias.

**EDITORIA DE CULTURA:
À DESCOBERTA DE PADRÕES NA AGÊNCIA LUSA**

MARIA JOANA CABRAL FUTRE

ABSTRATO

A partir da teoria sociológica de Pierre Bourdieu, o presente relatório de estágio tem como objetivo delinear Padrões Discursivos e Estatísticos orientadores da metodologia de trabalho da única agência noticiosa em Portugal - a Agência Lusa - responsável pelos primeiros *takes* de assuntos da atualidade nacional e internacional. Uma amostra de, aproximadamente, 447 peças noticiosas escritas permitiu a elaboração dos oito gráficos que materializam este estudo quantitativo, mais específico. Se por um lado o ramo do jornalismo cultural é considerado heterogéneo, por outro, a cobertura informativa da editoria de cultura da Lusa é vista como homogénea, frequentemente à mercê de restrições temporais. O relatório em questão também examina, criticamente, a experiência de estágio nesta editoria e contém relatos de entrevistas a “protagonistas culturais” com as suas próprias agendas culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Cultural, Agência Lusa, Agência noticiosa, Estatística, Agenda cultural, Sociologia, Padrões

**THE CULTURE SECTION:
UNRAVELLING PATTERNS IN *AGÊNCIA LUSA***

ABSTRACT

Based on Pierre Bourdieu sociological theory, this internship paper has as its objective to delineate the Discursive and Statistical Patterns which guide the work methodology of the only news agency in Portugal - *Agência Lusa* - responsible for the first *takes* on today's national and international headlines. A sample of, approximately, 447 written news pieces allowed for the making of eight charts which materialize this quantitative and more specific study. If, on the one hand, the branch of cultural journalism is considered heterogeneous, on the other, the informative coverage of Lusa's culture section is seen as homogeneous, frequently at the mercy of temporal restrictions. The paper in question also examines, critically, the internship experience in this section and contains reports of interviews to "cultural protagonists" with their own cultural agendas.

KEYWORDS: Cultural Journalism, Agência Lusa, News Agency, Statistics, Cultural agenda, Sociology, Patterns

Índice

I.	INTRODUÇÃO: A Proposta de Estudo dos Padrões	1
II.	Padrões Discursivos: A Lusa como exemplo de produção jornalística eficaz	8
	A. A sociologia de Pierre Bourdieu e o pensamento estético-cultural da agência	9
	B. O Lead como elemento orientador da notícia	14
	C. Clarificação e classificação das Fontes	16
III.	Padrões Estatísticos	18
	A. Estudo de Caso: Objeto e Objetivos do Estudo	18
	B. Metodologia de Investigação	19
	C. Apresentação, Descrição e Análise de Resultados	21
	i. Tabelas das semanas em análise	21
	ii. Gráfico 1: Géneros Jornalísticos Observados	22
	iii. Gráfico 2: Fontes de Informação	22
	iv. Gráfico 3: Cobertura de Acontecimentos	24
	v. Gráfico 4: Local do Acontecimento	25
	vi. Gráfico 5: Temas mais Noticiados	26
	vii. Gráfico 6: Acontecimentos mais Noticiados	26
	viii. Gráfico 7: Peças mais centradas em Indivíduos ou Acontecimentos	28
	ix. Gráfico 8: Premência Dominante	28
	D. Discussão das Conclusões: O Círculo Vicioso da agenda cultural	30
	E. Lusa: Uma entidade imune às novas tendências do jornalismo sobre cultura?	37
IV.	Saídas autónomas da redação que definiram o estágio	39
	A. Entrevista a Paul Auster: pode a literatura ainda ser subversiva?	39
	B. Entrevista a Vanessa Redgrave: o papel pedagógico do cinema documental	40
V.	CONCLUSÃO: Reformulação dos princípios internos da editoria de Cultura	42
	A. A convicção da palavra como combustível para a mudança	43
VI.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
VII.	ANEXOS	48

I. INTRODUÇÃO: A Proposta de Estudo dos *Padrões*

[...] em princípio dir-se-á que o jornalismo, tal como hoje o entendemos, se define por *uma expressão nua, directa, impessoal, não literária*, e, portanto, que a literatura começa onde o jornalismo acaba. Todavia [...] os jornais continuam a incluir subgéneros literários, como a grande reportagem e a crónica, onde se afirma a personalidade dos autores, o seu estilo de visão e de expressão. Sem dúvida *trata-se de uma literatura suis generis, que vive do imediato, do transitório, e procura captar o interesse do leitor apressado ou negligente; caracteriza-se pela brevidade, pela concisão, pela oportunidade.*¹ (Coelho, 1979)

Assim se define “jornalismo”, como vocábulo e prática, na ótica do professor universitário e crítico literário Jacinto Prado Coelho, o primeiro a invocar de uma seleção de autores e académicos aos quais recorri para enriquecer, corroborar e/ou discordar das conclusões que compõem o presente relatório de estágio. Durante cerca de três meses - do início de agosto aos finais de outubro de 2017 - fui jornalista na editoria de cultura da única agência noticiosa portuguesa; a Agência Lusa. Sabendo de antemão que teria de produzir algo que não só documentasse o trabalho desenvolvido, como também a essência da empresa que me acolheu, comecei por qualificar a informação veiculada na Lusa servindo-me apenas de um adjectivo. Com efeito, o que julgo que distingue o trabalho da agência, em relação ao dos outros grupos de comunicação social portugueses, é o facto de lidar com o material noticioso na sua forma mais *primitiva*.

Se na primeira frase da epígrafe atentamos numa forma de expressão que quanto mais despida de influências externas, mais bem executada e conseguida será, na sua conclusão, o mote do relatório remete para valores tradicionais jornalísticos que regem a agência Lusa desde que a organização cooperativa iniciou a sua atividade a 1 de janeiro de 1987.² Coelho toca na ponta do icebergue, mas encontra-se em conformidade que a ideologia defendida pelos dirigentes da Lusa, há mais de trinta anos, responsáveis pela supervisão e difusão da notícia “rápida, factual, isenta e rigorosa” com vista à satisfação dos “clientes dos mais diversos serviços especializados [...] as agências noticiosas internacionais, a esmagadora

¹ Meu sublinhado (itálico).

² Informações disponíveis em www.lusa.pt. Segundo o seu livro de estilo, “a Lusa é herdeira das duas agências noticiosas do pós-25 de abril de 1974 [...] a ANOP (Agência Noticiosa Portuguesa) e a NP (Notícias de Portugal).” (2012, p. 2).

maioria dos órgãos de comunicação social de expansão nacional, regional e local em Portugal, os organismos da administração pública [...] as autarquias [e] empresas públicas e privadas”.

Contando com uma carteira de entidades vasta, justifica-se a existência de normas linguísticas comuns a todos os jornalistas e disponíveis para consulta, em caso de dúvidas, nos “instrumentos indispensáveis” que são os livros de estilo. Dado que a redação de uma peça de agência implica um conjunto de normas mais rígidas do que o típico texto das páginas de jornais e dos ecrãs televisivos, tomei a decisão de nomear o primeiro capítulo do relatório de estágio *Padrões Discursivos*. Pretende-se que este caminho, porventura mais literário, possa representar uma alternativa às perspetivas históricas com que já me deparei em leituras preparatórias que, por sua vez, ajudaram a delinear a minha própria visão do que deve conter uma análise qualitativa.

Neste contexto, *Padrões* referem-se aos itens que, pela maior frequência com que surgem, ganham destaque qualitativamente - numa primeira fase - e quantitativamente numa componente a apresentar mais à frente, que diz respeito ao estudo estatístico do caso da editoria de cultura. Embora tenha obrigatoriamente de mencionar valores inquestionavelmente associados à prática do “bom jornalismo”, o protagonismo irá recair nas estratégias de construção de um *lead* sólido e na classificação das diferentes fontes de informação.

Partindo de um modelo similar, os *Padrões Estatísticos* compreendem todos os gráficos - acompanhados da respectiva descrição e análise - que resultaram de um estudo de caso quantitativo. No fundo, a tipologia escolhida parte do geral para o mais específico. Dos valores éticos e deontológicos do jornalismo de imprensa/agência, passamos para a apresentação de dados que apenas reflectem os padrões observados na editoria de cultura, durante 3 semanas aleatórias, num total de 21 dias. Esta amostra abrange aproximadamente um terço do período de estágio e, na minha opinião, talvez não represente o espaço temporal suficiente para transmitir resultados sólidos. No entanto, acabei por reunir o material necessário para uma discussão de resultados profícua, que propiciou o levantamento de questões associadas à “crise” do jornalismo cultural e ao

consequente círculo vicioso de temas em que este ramo particular da profissão parece ter entrado.

São múltiplos os autores nacionais e internacionais que fazem destas problemáticas e dos seus subtópicos o tema central de artigos científicos. Era importante não passar ao lado das reflexões de investigadores como Nete Nørgaard Kristensen, Maarit Jaakkola ou H. Hellman, cujos resultados de estudos extensivos estão disponíveis e são bastante elucidativos de narrativas e abordagens à cultura, lineares e limitadoras. Com efeito, talvez o maior objetivo deste estudo estatístico que consideramos ser o cerne do presente relatório, seja a possibilidade de tecermos considerações próprias acerca da existência desta zona de conforto dentro da secção de cultura da Agência Lusa. Por outras palavras: que benefícios ou desvantagens traz a cobertura de eventos denominados *mainstream*, em detrimento daqueles associados a um universo mais *underground* e, inversamente, menos lucrativo e/ou comercial?

Como nota final gostaria de referir que a Lusa chegou a sofrer reformulações internas, em termos organizacionais, devido aos fortes cortes orçamentais que se sucederam aquando da presença da *Troika* em Portugal (de 2008 a 2013). Segundo o relatório de contas relativo aos resultados de 2012, o ano “ficou marcado pela efetivação do encerramento dos escritórios das Redações do Centro (Coimbra), Alentejo (Évora) e Algarve (Faro)”. O despedimento de alguns jornalistas que exerciam funções na sede, em Benfica (Lisboa) culminou com a “fusão da editoria de Cultura com a editoria de Sociedade”³ bem como da de Lusofonia com a *desk* das notícias internacionais (editoria do Internacional). Em 2016, registou-se “o regresso da Cultura, enquanto secção autónoma, à estrutura da Direção Editorial da Lusa”, algo vital uma vez que “traduz não apenas o reconhecimento da importância da área no contexto da oferta noticiosa [...] mas também o papel que pode desempenhar na consolidação da Lusa”.

³ Informação disponível em www.lusa.pt. *Relatório e Contas 2012*, p.7. A decisão de agregação de editorias deve ser encarada como medida de contenção do Estado português dado que este permanece o maior acionista da Lusa (50,14%). O Global Media Group (23,36%) e o Grupo Impresa - Sociedade Gestora de Participações Sociais, S.A. (22,35%) são os outros dois grandes detentores de ações.

O relatório de contas mais atual acaba, ainda que implicitamente, por dar conta da falta de protagonismo e fragilidade subjacentes ao campo das Artes, Cultura e Entretenimento que levam os mais estudiosos das Ciências da Comunicação a falarem de “crise”. No total de produção por temas de 2016, este item representa 5%, uma percentagem baixa em comparação com as das temáticas de Política (24%), Economia (17%) ou Desporto (13%). O jornalismo sobre cultura encontra-se igualmente menosprezado quanto aos recursos humanos de que dispõe; excluindo os estagiários que recebe em condições similares à minha, somam-se seis jornalistas efetivos, o que faz da editoria que integrei a mais pequena da redação.

A. Estrutura e Organização do Relatório de Estágio

O terceiro capítulo chave do relatório terá, inevitavelmente, um cunho mais pessoal. Quero com isto dizer que tentarei expor e relatar de forma clara alguns acontecimentos, experiências e impressões do “trabalho de campo”. Com vista a preservar a brevidade e precisão, optei por dividi-lo de acordo com aquelas que foram as saídas autónomas da redação que mais me impressionaram pela positiva, no caso da entrevista ao escritor norte-americano Paul Auster e, pela negativa, quando fui chamada a ir ao visionamento de imprensa do documentário da atriz e realizadora britânica Vanessa Redgrave, intitulado “Sea Sorrow”.

Cada um dos “protagonistas culturais” entrevistados, quando associados à obra que apresentavam, suscitaram problemáticas distintas que adicionam algo extra ao relatório e à experiência de estágio. Devido à natureza factual e rigorosa da produção de notícias desenvolvidas na Lusa não tive oportunidade de explorar uma dicotomia que se pode relacionar com o ramo do jornalismo sobre cultura. Quando reli as notícias que resultaram das saídas, na sua versão final, concluí que Auster e Redgrave tinham, desde logo, ambições diferentes nas mensagens sociais que queriam passar. Por um lado, o autor de “4 3 2 1” (2017) fez-me refletir se a apresentação de uma obra com uma grande carga política incitava o público a criar conexões entre os vinte anos da Guerra do Vietname e episódios históricos mais

recentes, como o desfecho do Brexit⁴ ou a eleição de Donald Trump como 45º presidente dos Estados Unidos da América. Por outro lado, ainda antes de ter oportunidade de ver o documentário de Redgrave já suspeitava que a atriz teria a intenção de discutir a crise dos refugiados com os jornalistas presentes, utilizando-os como difusores do seu discurso e servindo-se da ocasião para alertar para a violação da Declaração dos Direitos Humanos, por parte dos países que se recusaram a receber e alojar refugiados da Síria. Parecia claro que tanto os jornalistas e os leitores das suas notícias iriam encarar as declarações da também ativista primeiramente do ponto de vista pedagógico e, numa segunda leitura, talvez manifestassem interesse na qualidade artística da longa metragem.

Além de sintetizar as principais ideias da breve investigação realizada, a conclusão remete para o começo da concretização de uma reformulação interna na editoria de cultura, partindo de uma decisão conjunta dos editores e jornalistas mais experientes. Irei abordar uma das medidas mencionadas para alterar as rotinas de produção noticiosa, bem como os grandes desafios com que me deparei e aos quais tive de me adaptar. O tempo e a convicção da palavra são dois fatores cruciais para que a mudança se dê, cedendo lugar a novas metodologias de trabalho e a formas alternativas de abordar objetos culturais.

B. Rotinas de Produção Noticiosa na Agência Lusa

Our whole life passes by in the prostheses of accelerated voyages

(Paul Virilio, 1991)

Após uma pequena formação inicial dada por chefes de redação e jornalistas de todas as editorias da Lusa, o grupo de estagiários acolhidos pode inteirar-se da metodologia de trabalho. Tem-se, de facto, a percepção de que os mais de 200 jornalistas da agência formam uma equipa unida, que deve sempre agir como uma só entidade. Cada um desempenha a suas tarefas mas o reconhecimento pelo produto final é de todos. A citação de Paul Virilio, embora romântica, resume os cerca de três meses que passei na Lusa adequadamente. O período de

⁴ Votação em referendo que determinou a saída do Reino Unido da União Europeia, em junho de 2017.

aprendizagem foi deveras uma sucessão de viagens aceleradas já que a profissão em si não é generosa com o seu tempo, muito menos em ambiente de agência noticiosa.

Gradualmente, fui estabelecendo as minhas próprias rotinas de procura de materiais dignos de transformar em notícias nos momentos em que a agenda era escassa. Aconselhada pela editora Maria Augusta Gonçalves e pelo editor-adjunto Tiago Dias (em comunicação a partir dos escritórios do Porto), criei vários filtros dedicados às notícias que saíam nas agências internacionais - EFE, *Associated Press* (AP) e *Agence France-Presse* (AFP) - sem nunca deixar de tomar em atenção *sites* de jornais britânicos como o *The Guardian* e *The Telegraph* ou fontes mais direcionadas para o mundo cinematográfico, como é o caso do endereço *variety.com*. Sobretudo durante o mês de agosto estes revelaram-se recursos valiosos e permitiram-me ganhar experiência no tratamento da informação de outros países. Simultaneamente, guardava algum do meu tempo para ler as notícias colocadas “em linha” no software de redação de texto da Lusa - o *NewsAsset* - escritas pelos restantes jornalistas de cultura.

Setembro, o mês da *rentreé* cultural por excelência, foi sinónimo de aumento de ritmo de trabalho, de acompanhamento de jornalistas em saídas da redação e também das primeiras saídas autónomas, com vista à cobertura do Festival Internacional de Cultura de Cascais (FIC). As rotinas iniciais sofreram ligeiras alterações, uma vez que era necessário conciliar o trabalho de preparação das saídas com o da verificação dos filtros de outras agências e com o tempo de publicação do material reunido, aquando das entrevistas e/ou conferências de imprensa, no retorno aos escritórios de Lisboa.

Com a chegada do último mês de estágio comecei a ficar mais confortável com a diversidade de tarefas que tinha de desempenhar, mas acusava o cansaço partilhado por todos os estagiários quando a prioridade é lançar a notícia em primeira mão. Deste modo, o único ponto negativo da experiência foi a minha incapacidade de lidar com a imprevisibilidade e rapidez características do jornalismo. Há que preparar as saídas em casa, frequentemente apenas com algumas horas de antecedência, já que os detalhes de eventos a colocar na agenda do dia seguinte eram afinados até às 20 horas do dia anterior. Contudo, os

constrangimentos de tempo são inerentes à profissão e todos os grandes grupos de comunicação social trabalham dessa forma. De facto, talvez a saída mais bem sucedida que tive - pessoalmente, o ponto alto do estágio - tenha sido aquela para a qual tive mais tempo para me preparar; contei com cerca de quinze dias para idealizar como iria conduzir a entrevista coletiva a Paul Auster, algo que raramente acontece e é considerado um luxo no panorama do jornalismo de agência.

Não é fácil uma secção limitada em recursos humanos gerir a cobertura de um vasto número de acontecimentos, mas a boa vontade e o profissionalismo dos meus novos colegas ajudaram-me a ultrapassar dificuldades e a resolver dúvidas ou clarificar decisões que tinham de ser tomadas rapidamente. Iremos verificar o impacto de grande parte dos contratemplos logísticos quando centrarmos as atenções no capítulo dos Padrões Estatísticos. Para já, sublinhamos o papel de conteúdos e marcas discursivas e a maneira como estes definem e enformam o trabalho diário dentro da redação, mais concretamente na *desk* de Cultura.

II. Padrões Discursivos: A Lusa como exemplo de produção jornalística eficaz

Sem concorrência direta, a única agência noticiosa portuguesa tem o dever de transmitir pragmatismo através do discurso patente nas suas peças jornalísticas. Acima de tudo, terá de promover a democratização do acesso à informação, já que não existe um público alvo. Isto é, qualquer cidadão que entre em contacto com o conteúdo produzido via publicações *online* ou através do endereço *www.lusa.pt/* deve ser capaz de rapidamente perceber a informação que recebe, mantendo-se a par da atualidade do país e do mundo. De acordo com o Livro de Estilo do órgão de comunicação “[...] a agência deverá ser a *referência* da forma como os ‘media’ em língua portuguesa devem escrever”. Como tal, os valores padrão do jornalismo - “[...] o rigor, a clareza, a precisão e a concisão exigidos [...]” - terão de ser os mais identificáveis, com a ressalva de que “a rapidez não pode ser exercida com o sacrifício da [...] exatidão”.

Na ótica dos membros da Direção de Informação da Lusa, a notícia define-se pela sua independência e singularidade, que lhe devem conferir automaticamente a capacidade de ser publicável e difundida nas plataformas virtuais, televisão e no papel. Paralelamente, o jornalista está incumbido de sistematizar grandes pedaços de informação nova, desde que estes tenham valor-notícia, pois não é uma garantia que “o que parece evidente ao jornalista” o seja “para o utilizador” ou consumidor.

A imparcialidade torna o relato dos eventos equidistante e a sua principal demonstração na escrita reside na abolição de adjetivos do noticiário. Quando muito pede-se que o mesmo vocábulo “seja descritivo e não valorativo”. Igualmente de evitar são os termos “com carga política ou ideológica”, insultos, elogios, “expressões genéricas [...] preconceituosas, xenófobas ou racistas”. No fundo, pretende-se que o conteúdo gerado prime pela novidade; ao ser lido, espera-se que provoque a “sensação de rapidez”. Apela-se ao uso de frases e palavras breves e os jornalistas devem estar dispostos a adaptar o seu discurso sem que o verdadeiro sentido da descrição dos acontecimentos se perca: “A informação da agência tem de ser viva, incisiva, clara e rápida”.

Os itens constituintes da notícia-tipo associada à agência não se encontram hierarquizados. Se nos guiarmos pelo livro de estilo todos têm o mesmo valor, mas aquele que mais me ajudou a integrar a metodologia de trabalho foi o da isenção. Sempre que possível parte-se do acontecimento e não dos protagonistas e/ou fontes que fornecem a novidade. Assim, diria que a eficácia da organização cooperativa reside na simplicidade e frieza do relato: “[...] o bom repórter de agência [...] não se evidencia por mais ativo que esteja na procura de informação.”

De resto, a escrita parece ser o forte da Lusa e apesar dos esforços para dar formação aos jornalistas da casa em como lidar com as novas tecnologias, esse continua a ser o calcanhar de aquiles e a razão central pela qual a agência tem perdido terreno na produção, face a outros grupos de comunicação. Na maioria dos casos, os “rivais” são também clientes mas a adoção de um ângulo de atividade comercial impõe-se.

Ocorrente da “explosão do ‘digital’, enquanto ferramenta de produção e consumo de *media*”, e dos respetivos desafios associados a esta, os canais de comunicação social crescem como negócios a rentabilizar. A modernização é a resposta a estes desafios, bem como uma preocupação da Lusa, num contexto capitalista que privilegia o que fornece o lucro mais amplo. A forma e tipo de conteúdos que o público consome tem implicado, nos anos mais recentes, “um decréscimo [...] acentuado dos suportes em papel, numa estratégia de troca para serviços digitais [...]”.

A. A sociologia de Pierre Bourdieu e o pensamento estético-cultural da agência

A leitura da obra *La Distinction* (1979), da autoria do sociólogo francês Pierre Bourdieu, deu forma ao enquadramento teórico do relatório de estágio e conduziu-me a apostar no desenvolvimento de uma perspetiva sociológica sobre o jornalismo sobre cultura. De tal forma que esta se sobrepôs à componente histórica das origens deste ramo jornalístico. Graças aos contributos do jornalista e escritor Daniel Piza, sabe-se que esta variante da profissão começou a ser reconhecida a

partir do século XVIII, apelidado de “Século da Filosofia” e correspondente à Era do Iluminismo. O surgimento de novas publicações, revistas e jornais, destinadas a estimular o intelecto e a veia artística dos europeus, trouxe consigo mais espaço para a escrita de ensaios, assim como de outros géneros literários e das primeiras críticas de teatro. Em consonância com o novo paradigma científico, o campo das letras expressava-se com o auxílio de “uma atividade que refletia dinamicamente a criatividade do homem na sociedade”.⁵

Em 1711 o diário britânico *The Spectator* defendia que a missão do jornalismo cultural era “[...] trazer a filosofia para fora das instituições académicas para ser tratada em clubes e assembleias, em mesas de chá e café”⁶, na eventualidade de fomentar o debate de ideias. Porém, os académicos que estão em consenso relativamente à definição desta vertente jornalística são os mesmos que discordam quanto a uma definição corrente, mais abrangente. Na verdade, os limites da cobertura de eventos culturais estão em permanente expansão, causando a mutação do próprio objeto e do seu significado real.

Depois do preâmbulo desta secção, viramos o nosso foco para o debate das questões sociológicas subjacentes à cultura. Em primeiro lugar, uma das grandes teses arquitetadas por Pierre Bourdieu prende-se com a noção de que não existe um *olhar puro*⁷. Jornalistas e/ou críticos de arte são cidadãos comuns antes de se tornarem profissionais. Sofrem várias influências ao perceber o mundo e, talvez mais relevante ainda, são produtos do seu ambiente. Assim, constrói-se o primeiro paradoxo face a um valor tradicionalmente defendido no mundo do jornalismo: o da isenção. As reflexões do sociólogo francês levam a crer que é impossível alcançá-la na sua plenitude. No seu *paper*, o académico Nick Prior sintetiza a personificação da vida pós-moderna, originalmente da autoria de Bauman (1996), mas aqui aplicada ao grupo de jornalistas em atividade:

⁵ Daniel Piza. (2004). Uma primeira definição de jornalismo cultural. *Jornalismo Cultural*. 2.ed. São Paulo: Contexto, p. 65.

⁶ In “O que mudou no Jornalismo Cultural no Diário de Notícias entre os anos 2000 e 2010?”, Celiana Azevedo, 2013, p. 2. Centro de Investigação Media e Jornalismo FCSH-UNL.

⁷ Tradução da expressão em inglês *pure gaze*.

[...] postmodern life is embodied in the figure of the tourist - a figure whose meanderings through culture are episodic, instantly gratifying and directionless [...] under conditions of information overload, 'cultural capital' is itself undermined as a valued resource [...] because it is no longer a stable currency. (Prior, 2005)

Tudo indica que as conclusões de Prior não colocam apenas em causa o valor da isenção. Igualmente, questiona-se a credibilidade da objetividade do relato de eventos e o impacto das decisões de editores, no seu papel de agentes filtradores dos acontecimentos relevantes para inclusão na agenda. Contando com uma equipa reduzida de jornalistas, a editoria de cultura da Lusa vê-se na obrigação de gerir da melhor forma a grande quantidade de informação que recebe⁸, todos os dias. Retomando a linha de raciocínio mencionada no fim da introdução, acontecimentos como lançamentos ou estreias assumem uma maior probabilidade de serem difundidos. Regularmente considerados como parte do *mainstream*, atraem maiores fundos, mais público e capital económico. No reverso, o que Bourdieu cunhou de “capital cultural”, constituído por produtos culturais alternativos (típicos da subcultura *underground*), sofre de desvalorização enquanto recurso por transmitir falta de estabilidade.

Barbie Zelizer, autora da obra "Taking Journalism Seriously" (2004) contorna a ambiguidade do que é ou não informação jornalística credível ao admitir que a profissão se baseia na verificação de *truthclaim(s)*, um vocábulo que define a intenção por parte de um autor/criador de representar aquilo que acredita serem "indexical and referential representations of the world".⁹ Por outras palavras, os jornalistas produzem e reconhecem discursos assentes em "verdades" públicas. Partindo do pressuposto de que o público-alvo de uma organização se identifica e partilha dos mesmos valores a que os autores/redatores recorrem para difundir a informação, torna-se mais fácil captar a atenção dos leitores. Por um lado, gera-se um entendimento mútuo que serve de base para a relação emissor-receptor. Por outro, estabelece-se um segundo paradoxo-chave: há uma distinção entre o escritor e leitor, jornalista e cidadão comum, mas também um entendimento partilhado ou evento em comum que junta ambas as partes.

⁸ Fenómeno denominado *information overload*.

⁹ Na perspetiva de Zelizer (2004) “factos, verdade e realidade” equivalem aos “good terms of journalism”.

No entender de Kovach e Rosenstiel, "the advent of modern professional forms of news in the late 19th and early 20th century linked credibility with a unity of method rather than aim", citando Walter Lippman. Similarmente, a objetividade pode ter duas índoles: a factual e a imparcial. A primeira persuade os leitores de que o objeto descrito é real, transformando diferentes interpretações deste em "verdades". No discurso do jornalismo de agência esta é a utilização mais comum da objetividade, uma vez que os factos apontados para sustentar as afirmações dos redatores funcionam como que para encobrir falhas epistemológicas na forma de convenções ou de dados do senso comum. Enquanto que a socióloga norte-americana Gaye Tuchman afirma que o valor em questão se trata de um "ritual estratégico" concebido acima de tudo para proteger o trabalho desempenhado nas redações de críticas, Stephen Ward - habituado a estudar os padrões da profissão do ponto de vista da ética - pensa que a objetividade foi "uma invenção retórica que emergiu em resposta à nova relação jornalismo-público - [na qual] o jornalista é um informador imparcial, de grandes proporções".¹⁰ Na sua obra de 2004, "The Invention of Journalism Ethics", Ward debate a validade da relação de poder entre emissor e receptor que, quando baseada na confiança, consegue ultrapassar lacunas epistemológicas.

Seria limitadora a adoção de uma só definição de jornalismo cultural tendo em consideração que este campo específico do jornalismo se encontra em constante mutação e, aparentemente, sem fronteiras bem delineadas. No entanto, na minha opinião, a editoria de cultura da Lusa continua a apostar na difusão de temas tradicionais dentro de um modelo de escrita baseado na notícia desenvolvida. Quando inserida no panorama atual, a agência noticiosa escapa às novas tendências e revela-se a exceção. Segundo o autor que deu o mote a este subcapítulo, a correlação entre a instabilidade financeira e o 'capital cultural' surge porque

[...] As criações culturais encerram em si os seus próprios códigos de leituras e não se ajustam [...] a *standards* estáveis que permitam objetivar a sua "qualidade". De forma que o seu preço no mercado (que pouco tem a ver com os seus custos de produção) não permite determinar nem o seu valor

¹⁰ Os autores Kovach, Rosenstiel, Tuchman e Ward foram citados a partir do artigo de Michael Lithgow, "Defying the News: New Aesthetics of "Truth" in Popular Culture" (2012). Apresenta-se uma sugestão de tradução, na grande maioria dos casos mencionados.

de uso (estético, de fruição e prazer), nem o seu valor de câmbio (status social). (Bustamante, 2017)

Mais do que qualquer suplemento cultural ou programa televisivo, o jornalismo sobre cultura que a Lusa produz tem de respeitar certos princípios estéticos. A meu ver, a “estética” da editoria de Cultura é o conjunto de estruturas de significado que legitimam o evento ou realidade partilhada pelos emissores e receptores da informação. Valores com a isenção, a imparcialidade, factualidade ou objetividade são as estratégias chave para assegurar a criação de *truthclaim(s)* por parte da agência noticiosa, difíceis de penetrar/criticar pelos membros da sociedade - “[...] A legitimidade social e profissional do relato sobre cultura alimenta-se dos mesmos valores que idealmente estruturam a narrativa jornalística, nomeadamente a atualidade, a notoriedade das pessoas envolvidas e o interesse público dos acontecimentos noticiados.”

Cada organização ou grupo de comunicação social tem o seu pensamento estético próprio e trata os objetos culturais que cobre de formas diferente. J.S. Faro afirma que a estética a que nos referimos neste caso está dependente das leis do mercado:

“[...] No jornalismo cultural e fora dele, a natureza fundamental das coberturas poderia ser resumida a um desempenho profissional hegemonicamente dominado pelas pressões das assessorias de imprensa, pelas relações de poder estabelecidas pelas empresas jornalísticas e pelo oportunismo publicitário.” (Faro, 2006)

O género de notícia desenvolvida mais comum na “linha” de produção das agências noticiosas aliado à forte índole factual que, por sua vez, fornece maior credibilidade à informação veiculada transmite uma experiência estética de “verdade” pública mais estreita. Este afunilamento é o que leva alguns dos jornalistas de cultura entrevistados por Harries e Wahl-Jorgensen a admitirem que “demasiada objetividade pode tornar [uma peça] incipiente ou um tanto enfadonha...”

assuntos periféricos como as artes devem agarrar o interesse do público [...]”¹¹ O relato neutro, típico da Lusa, contrapõe-se àquele que Faro classifica como “referente a eventos de natureza artística, e editorial, [marcado] por secções, suplementos e revistas especializadas nessa área”.

B. O *Lead* como elemento orientador da notícia

News controls the multivocality of the real by narrative structure and a careful selection of which voices are accessed.

(Fiske, 2011)

Talvez o componente mais importante da notícia desenvolvida em ambiente de agência, o *lead* é o parágrafo inicial do texto e encontra-se, por norma, destacado do restante corpo da composição. Na perspectiva do leitor é também o elemento que o faz ganhar ou perder interesse pelo acontecimento relatado. Juntamente com o título, de acordo com o livro de estilo da Lusa, é uma súmula da essência do evento e se o título não for extraído do *lead*, este “não resume [a situação adequadamente] ou o lead está mal escolhido”. No fundo funciona como elemento orientador uma vez que responde às questões base do jornalismo (os cinco W’s) - quem, o quê, onde, como e porquê - fornecendo a base ao esquema da pirâmide invertida. A seleção das primeiras 35 a 40 palavras requer grande cuidado e permite nivelar a notícia, sendo que tem de ser dada uma atenção especial ao verbo escolhido, pois este dará o “tom” global ao texto redigido pelo jornalista; há que recorrer “sempre que possível [a] verbos fortes e expressivos (fez, demitiu, aceitou, acabou [...] que transmitam vigor e impacto ao *lead*, tendo ao mesmo tempo a preocupação de saber dar protagonismo aos acontecimentos”. Allan Bell, investigador no ramo da sociolinguística sublinha, através da apresentação de excertos de artigos de agência noticiosas internacionais:

The lead paragraph is a nucleus of evaluation, because [its] function [...] is not merely to summarize the main action [...] The lead focuses the story in a particular direction. It forms the lens through which the remainder of

¹¹ Apresenta-se uma sugestão de tradução do depoimento original: “[...] too much objectivity can make [a news piece] bland or rather boring... peripheral subjects such as the arts must grip the audience’s interest [...]”.

the story is viewed [...] once the journalist decides what the lead is, the rest of the story often falls into place below it. (Bell, 1991)

Idealmente, o acontecimento alvo da atenção deverá ser referido em primeiro lugar e só depois se deve mencionar a fonte. No caso de um nome próprio figurar nestes dois componentes iniciais da peça, “este deve ser seguido ou precedido da necessária identificação ou explicação”. Um bom *lead* remete imediatamente para a importância da verificação dos factos que nele constam e que são a prova do acontecimento noticiado. De forma a facilitar a memorização da informação ao leitor, o componente em análise é escrito sob o mote: *Uma frase, uma ideia, uma informação*.

A técnica da pirâmide invertida demonstra que qualquer notícia inserida na tipologia de agência deve respeitar o princípio da organização “do maior para o menor grau de interesse”, o que faz com que a informação menos relevante ocupe os últimos parágrafos. Parte do trabalho do jornalista consiste em perseguir a ação da peça, reunindo as citações dos protagonistas entrevistados de uma forma que se assemelhe a “uma espiral descendente dos acontecimentos disponíveis”, na qual “todos os pontos principais estão no início do artigo”.

Exemplo n.º 1:

[Título] Escritor Paul Auster rejeita a arte baseada em Donald Trump

[Lead] O escritor Paul Auster afirmou, em Cascais, que o mundo “entrou numa nova era” com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, mas que “ainda não possível fazer arte” baseada no governo que este constituiu.

Exemplo n.º 2:

[Título] Peça "Ways of Looking" em Lisboa conjuga as obras de John Berger e Shakespeare

[Lead] A peça "Ways of Looking", que vai estrear-se esta sexta-feira no Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa, conjuga as premissas da obra "Ways of Seeing" do escritor John Berger, com a intimidade em "Romeu e Julieta", de Shakespeare.

Respetivamente ao exemplo n.º 1, a elaboração do *lead* resultou de uma das citações mais provocantes numa entrevista coletiva ao escritor Paul Auster,

suscitando questões relacionadas com a atualidade política dos Estados Unidos da América e assinalando o rescaldo do processo de eleição do Presidente Donald Trump. Já no caso do exemplo n.º 2, o parágrafo inicial da notícia localiza obrigatoriamente um ensaio aberto à imprensa, onde a partir do excerto da peça de teatro “Ways of Looking” bem como das entrevistas feitas à encenadora e aos atores principais, se optou por construir um *lead* cujos alicerces fossem as características dominantes das obras que inspiraram a encenação em palco.

C. Clarificação e classificação das Fontes

A título de conclusão dos *Padrões Discursivos* observados na Lusa, não podia deixar de dedicar uma alínea, ainda que breve, à definição e classificação das diferentes fontes com que o jornalista pode contar para assegurar a sua proteção. A ideia de que não se escreve sem fontes, e sem a devida atribuição a quem nos solicitou a informação, ficou patente desde o primeiro dos três dias de formação a que o grupo de estagiários que integrei teve direito, como introdução à metodologia de trabalho da agência noticiosa. Todos os trabalhadores da agência reforçaram uma regra de ouro formulada por escrito no livro de estilo da seguinte maneira: “O jornalismo baseia-se em fontes: [...] procura a verdade, mas nunca pode estar seguro de ter atingido a verdade dos factos, mas tão somente a verdade do testemunho [...]”.

Numa profissão que vive da atualidade, novidade e de informação privilegiada, ter acesso a notícias que não estão estipuladas na agenda diária representa uma vantagem valiosa sobre os outros grandes grupos de comunicação apesar de, em teoria, a Lusa não ter concorrentes diretos. A agência onde realizei o estágio organiza a sua agenda por editorias e cabe aos membros desta secção da redacção contactar os assessores de imprensa - sensivelmente entre as nove e as vinte horas do dia anterior - com a finalidade de confirmar as informações seleccionadas aquando da chegada de *press releases*, em certos casos com uma a duas semanas de antecedência. As notas da agenda interna devem conter a data e hora do acontecimento, a par da sua localização exata, “os principais atores e as suas funções”, acompanhadas do objetivo do evento. No entanto, “aquilo que uma agência inclui nas suas agendas não constitui um compromisso de cobertura” pois

nada impede que um exclusivo ou notícia de última hora se sobreponha aos acontecimentos marcados previamente.

Existem quatro tipos de fontes: a) as identificadas, o recurso mais habitual, credível e aconselhável; b) as confidenciais ou *off the record*, do conhecimento do jornalista mas que não são reveladas ao público. Por uma questão de transparência, no corpo do texto utilizam-se as expressões “disse à Lusa fonte ligada ao processo” ou, por outras palavras, “disse à Lusa fonte que acompanha as negociações”, com o intuito de salvaguardar o compromisso de honra estabelecido; c) as “oficiais”, uma situação híbrida mas, por vezes, inevitável; d) as anónimas, desconhecidas do jornalista, apenas utilizadas em última instância e quando, após uma investigação mais exaustiva que precede a publicação da peça, não se chegam a conclusões mais precisas. Quanto às fontes oficiais, estas devem ser utilizadas com cuidado já que nem todas são aceitáveis:

[...] uma fonte autorizada é competente numa determinada área, mas poderá não o ser noutra (o ministro ou o Ministério da Defesa são fontes autorizadas para assuntos de Defesa, mas não necessariamente em outros assuntos governamentais). Uma fonte oficial tem acesso à informação graças às funções que desempenha, mas a sua competência limita-se à sua área de atividade [...] (Lusa, 2012)

III. Padrões Estatísticos

A. Estudo de Caso: Objeto e Objetivos do Estudo

A escolha de traçar *Padrões Estatísticos* é, possivelmente, a maneira mais elucidativa de resumir a minha experiência de trabalho dentro da editoria de cultura. Esta breve investigação que, numa primeira fase, implicou que tivesse de recolher os títulos das notícias da “linha” de produção da Lusa, despoletou a elaboração de oito gráficos que, naturalmente, irão permitir aprofundar diversos subtemas do jornalismo sobre cultura. Ao observar quais os géneros jornalísticos mais frequentes ou quais os locais do país que parecem ser alvo de maior cobertura a nível cultural, pretendemos tecer conclusões acerca do panorama atual do jornalismo cultural português.

Em segundo lugar, seria importante verificar até que ponto uma agência noticiosa como a Lusa trata temas menos tradicionais e não tão fortemente associados ao lucro que rege a sociedade capitalista ocidental. Uma das primeiras impressões com que fiquei foi que o maior destaque, a nível cultural, era dado a lançamento de livros, estreias de filmes e a notícias que decorriam de óbitos de artistas. Analogamente, a cobertura jornalística em Lisboa domina claramente a de outras zonas do país, tornando mais árdua a tarefa a que a Lusa se tem dedicado, segundo os últimos relatórios de atividade da organização cooperativa, de “em termos editoriais [incentivar a] promoção intensiva de jornalismo de proximidade no território nacional, procurando uma cobertura informativa homogénea e descentralizada”.

Os oito gráficos que constituem o núcleo deste estudo quantitativo irão ser analisados dois a dois, conduzindo não só ao desenho mais concreto de padrões relativos à editoria de cultura (num formato micro), mas também ao encaixe da Lusa e da sua ideologia na paisagem geral do jornalismo cultural português, que muitos académicos crêem estar a passar por uma “crise” identitária (num subentendido formato macro):

[...] são notícia os autores consagrados, e os acontecimentos com maior impacto, relacionados com as áreas culturais mais aptas para produzir

o tipo de eventos destinados a atrair a atenção dos media. Incluem-se nesta categoria a música, o cinema e a literatura, promotores de estreias de filmes e lançamentos de discos e livros. A cultura continua a fazer parte da ementa diária da imprensa portuguesa, *mas em doses mais pequenas e com menor variedade temática*. (Baptista, 2017)

B. Metodologia de Investigação

O estudo e tratamento da primeira parte desta dicotomia foi inspirado numa investigação de maior escala, conduzida pela minha orientadora de relatório de estágio, a Professora Carla Baptista, responsável pela organização da obra “A Cultura na Primeira Página - Uma década de jornalismo cultural na imprensa em Portugal”. Graças a esta compilação de textos e reflexões, produzidas por académicos do campo das Ciências da Comunicação, foi possível começar a traçar um fio condutor que ligasse todos os capítulos do presente relatório, tendo-se revelado uma valiosa aliada na corroboração de pontos de vista ou teses que tivesse interesse em defender. Adicionalmente, o artigo realizado pela minha orientadora - intitulado “Jornalismo cultural em Portugal - retrato de uma década e projeções para o futuro” - serviu de bom ponto de comparação entre os conteúdos visíveis ao folhear as primeiras páginas dos principais jornais portugueses e aqueles que observei durante os três meses que estive na Lusa; *até que ponto existe uma hierarquização de editorias na redação mas, acima de tudo, quais os assuntos que ganham destaque na cobertura noticiosa*. Nesta perspetiva, os títulos atribuídos a cada gráfico devem ser encarados como perguntas que encontram respostas objetivas nas percentagens ou números obtidos.

Com efeito, os *Padrões Estatísticos* do meu relatório tratam-se de uma adaptação, a nível micro, dos padrões alcançados e concretizados neste livro lançado em 2017. Partindo de uma amostra situada nas 492 notícias (incluindo os ficheiros de áudio, fotos e vídeo) e nas 447, se contabilizarmos apenas a produção de peças escritas, era necessário apresentar uma versão resumida do estudo que inspirou o seu desenvolvimento. Quanto à metodologia optámos por selecionar três semanas aleatórias - uma para cada mês de estágio - dispo de um total de 21 dias que se traduziram na amostra a ter em consideração em sete dos oito gráficos. A exclusão dos ficheiros audiovisuais fez-se sobretudo para criar uma separação pragmática dos dados, que fosse condizente com a barreira que existe entre a

secção de multimédia e fotografia das restantes *desks* e o seu *modus operandi* evitando, assim, a mistura de formatos.

Os números das tabelas abaixo são relativamente fáceis de explicar: agosto foi o mês menos produtivo - 105 notícias assinalaram o total da semana - dado grande parte dos jornalistas da redação estarem no seu período de férias e também devido à falta de acontecimentos em agenda. Como estagiária, a minha entrada na agência a sete de agosto, numa altura mais parada, permitiu-me ter mais tempo para me inteirar das tarefas, bem como para acompanhar as rotinas da editora de cultura. Após cada notícia que enviava para o ambiente de trabalho da jornalista que geria a “linha” da secção, havia sempre tempo para uma breve discussão e correção dos erros ou de gralhas nos meus artigos, de modo a que pudesse progredir ao longo do estágio e com cada novo assunto que me era dado para noticiar ou que eu própria sugeria transformar numa peça.

No mês de setembro registou-se um grande incremento no número de notícias redigidas - atingiram-se as 203 peças - e pode dizer-se que quase todas as *desks* voltaram ao ritmo de trabalho habitual, uma exigência do momento de *rentrée* cultural que marcou o mês. O arranque de vários festivais culturais ou a problemática do orçamento de Estado para a Cultura foram dois dos assuntos mais badalados, dominando e voltando a enriquecer a agenda. Os afazeres do segundo mês de estágio trouxeram-me maior independência e senti que consegui encontrar o meu estilo de escrita jornalística dentro dos géneros mais frequentes, as notícias desenvolvidas e as breves.

Graças ao editor-adjunto, em outubro pude escrever num outro registo e tive a oportunidade de pôr um perfil da vida e carreira do músico Tom Petty - vocalista da banda The Heartbreakers que faleceu a dois de outubro de 2017 - em “linha”. Antecipei a cobertura do Prémio Nobel da Literatura, acompanhei/cobri os casos de assédio sexual de que o produtor de Hollywood Harvey Weinstein foi acusado e assisti aos ensaios de imprensa de várias peças de teatro em Lisboa. A semana relativa a este mês contou com 184 notícias publicadas, o que faz transparecer um ligeiro decréscimo se atentarmos no mês anterior. No fundo, a produção estabilizou e, ao que tudo indica, deverá manter-se nestes números até ao próximo verão.

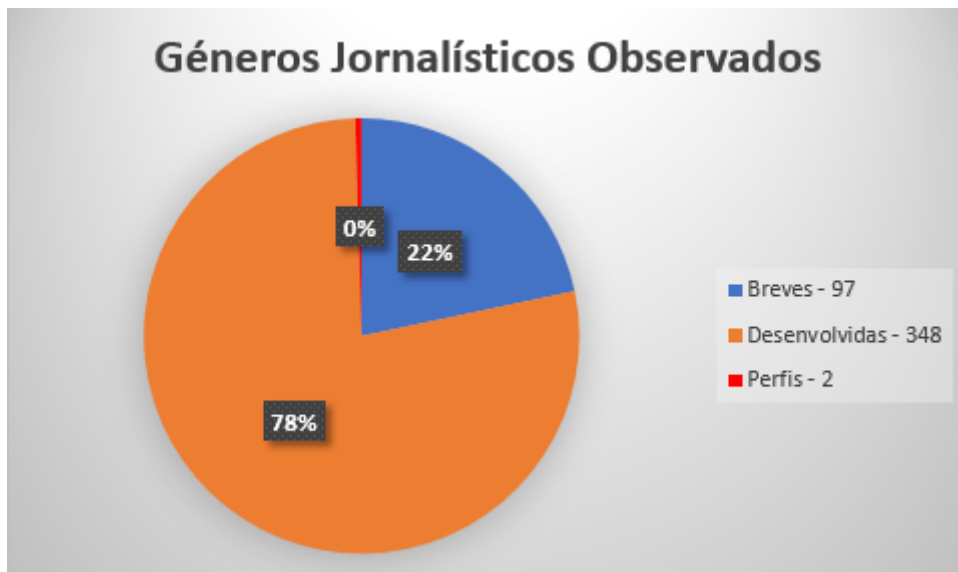
C. Apresentação, Descrição e Análise de Resultados

Semana de agosto	
Dia 14	12
Dia 15	6
Dia 16	20
Dia 17	28
Dia 18	19
Dia 19	11
Dia 20	9
Total	105

Semana de setembro	
Dia 22	45
Dia 23	11
Dia 24	12
Dia 25	46
Dia 26	28
Dia 27	30
Dia 28	31
Total	203

Semana de outubro	
Dia 2	22
Dia 3	41
Dia 4	41
Dia 5	27
Dia 6	23
Dia 7	16
Dia 8	14
Total	184

i. Tabelas das semanas em análise



ii. Gráfico 1: Géneros Jornalísticos Observados (N-447)



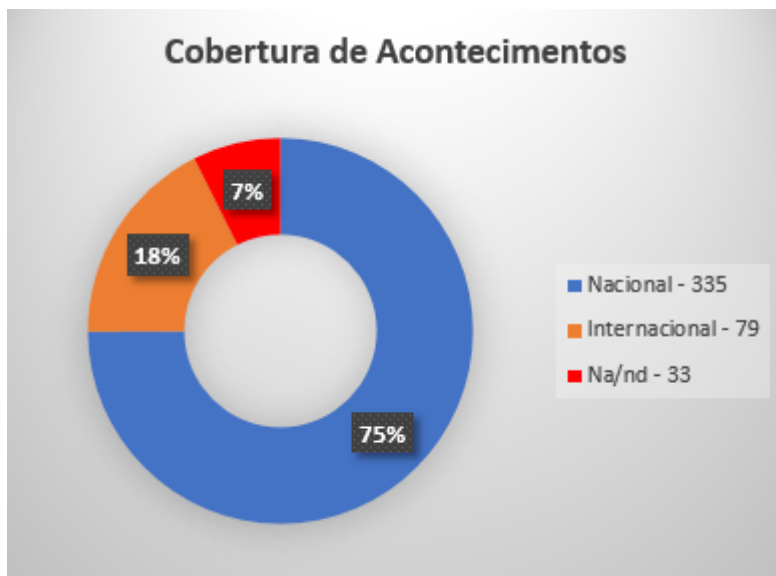
iii. Gráfico 2: Fontes de Informação (N-447)

Os Géneros Jornalísticos na legenda do primeiro gráfico parecem ser um bom exemplo da falta de diversidade que caracteriza as agências noticiosas em geral, e a Lusa não foge à regra. O discurso simples e acessível equivale a uma menor diversidade de géneros, transversal às editoriais. 78% das notícias recolhidas são desenvolvidas e os restantes 22% dizem respeito a blocos de breves. São raras as notícias que não têm um formato desenvolvido e as peças jornalísticas de cultura são particularmente extensas, em comparação com os textos das editoriais de país, sociedade ou economia. Dentro da agência, as entrevistas aos “protagonistas culturais” são editadas em texto corrido, igualmente, e a estatística presente não contemplou nenhuma transcrição de pergunta/resposta, um modelo familiar para os leitores assíduos de jornais portugueses. Os dois perfis contabilizados decorrem de óbitos de personalidades proeminentes - o cantor Tom Petty e o fadista João Ferreira-Rosa - e de resto são as únicas exceções aos dois géneros dominantes durante as três semanas analisadas. De notar que as notícias que compõem os blocos de breves foram redigidas, em grande parte, por colaboradores da Lusa a cargo das capitais de distrito. Por último, há que clarificar que as peças mais breves são “séries de notícias subordinadas a um só tema ou com destinatários específicos. Podem ser distribuídas por várias edições, ao longo do dia, com pelo menos três a quatro notícias.¹²”

O segundo gráfico ilustra a proveniência das diferentes fontes de informação de que a Lusa dispõe para credibilizar a informação difundida pelos seus clientes. Deste leque destacam-se os contactos associados ao sector público (assessores de imprensa do Governo e de instituições culturais são os exemplos que saltam mais à vista) os quais costumam enviar *press releases* com citações relevantes, a colocar na notícia final. Tais documentos oficiais servem de base para antecipações de peças ou outros espetáculos que tendem a ser seguidos por artigos mais extensos, com entrevistas a encenadores, curadores ou artistas que figuram nos ensaios de imprensa ou marcam presença na inauguração de determinadas exposições. São precisamente essas situações que nos levam a tomar em consideração o segundo grande grupo de fontes: os artistas. Mesmo em texto corrido e numa versão mais

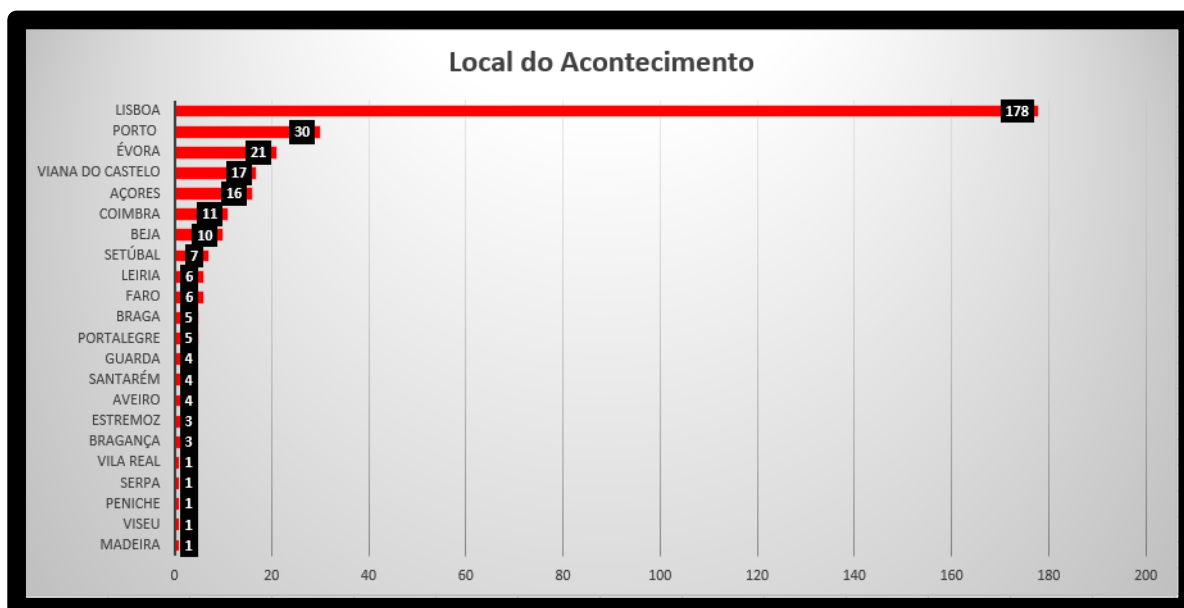
¹² Novamente, segundo o Livro de Estilo da Agência Lusa (2012).

compacta e editada, sempre que possível, os jornalistas da agência tentam enquadrar o discurso directo destes no texto a redigir. Ouvir os protagonistas é, sem dúvida, uma ferramenta essencial que traz solidez à construção da peça



desenvolvida e funciona como “lufada de ar fresco” ao conter as abordagens dos artistas em foco, fomentando a novidade e vivacidade da escrita. Em terceiro lugar, reconhece-se o papel das agências internacionais, fontes ideais para preencher os “vazios” da agenda diária, pois fornecem um lamiré fidedigno do que se passa além território nacional.

iv. Gráfico 3: Cobertura de Acontecimentos
(N-447)



V. Gráfico 4: Local do Acontecimento

Gráfico 4: N - 335 (excluindo as notícias internacionais e aquelas cujo lugar foi catalogado como “Redação”) ¹³

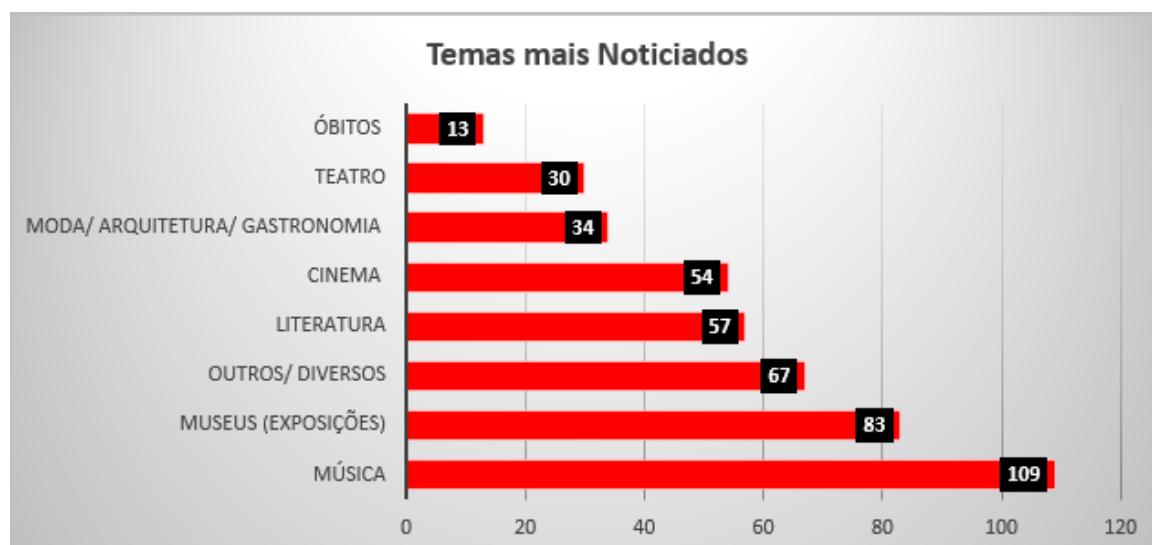
O terceiro e o quarto gráfico localizam os acontecimentos noticiados do geral para o específico, respetivamente. Sendo a única agência noticiosa em Portugal, a editoria de cultura da Lusa dedica 75% da sua produção ao acompanhamento de eventos nacionais, colocando o foco em Lisboa (com 178 peças), local da sua sede. A área metropolitana do Porto ocupa o segundo lugar, mas os números denunciam uma discrepância ampla com a região do Norte do País a sair a perder, claramente; dos 335 eventos nacionais que são a amostra do gráfico número quatro, somente 30 se passaram no Porto. Os dados observados vão de encontro às primeiras impressões, mencionadas nos objetivos do breve estudo estatístico, que alertavam para o facto da Lusa ainda estar aquém nas suas ambições de descentralização da cobertura informativa. Contudo, nas conclusões da descrição dos resultados iremos apresentar várias premissas que esclarecem a falta de destaque dado a zonas vista como periféricas.

Para já, salientam-se também as capitais de distrito de Évora (região do Alentejo Central; 24 acontecimentos), Viana do Castelo (região do Norte Litoral; 17), Coimbra (região Centro, Beira Litoral; 11) e Beja (região do Baixo Alentejo; 11), assim como o caso do protagonismo do arquipélago dos Açores que, com base na informação recolhida, figurou bastante nos blocos de breves em “linha” durante as três semanas escolhidas.

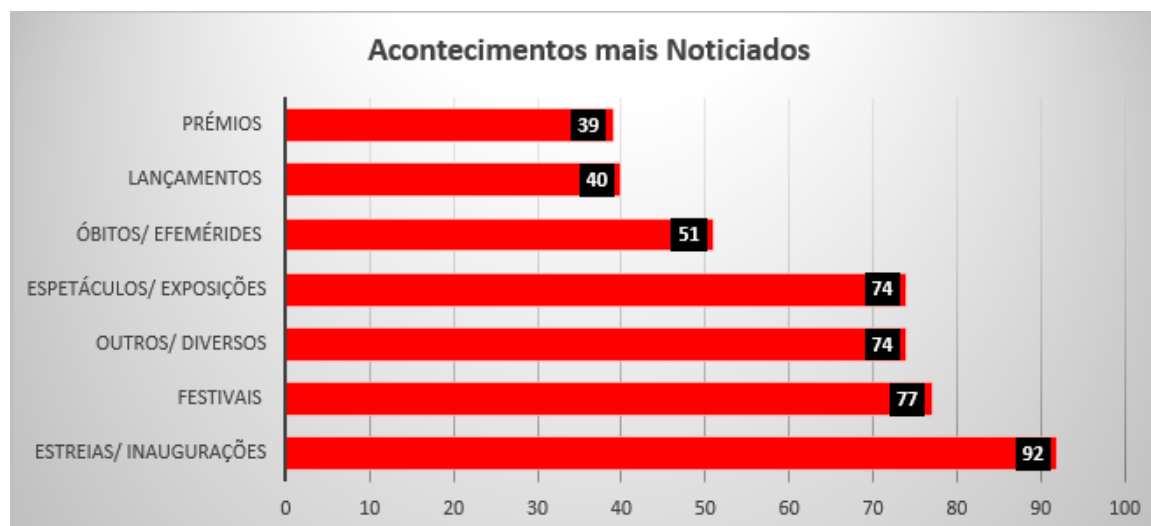
A legenda do terceiro gráfico remete ainda para a existência de 18% de cobertura de eventos internacionais, um resultado que reflecte a atenção que a Lusa presta às comunidades de portugueses no estrangeiro - razão pela qual se implementou uma editoria de lusofonia e mundo. Por vezes, o acompanhamento de festivais culturais suscita interseções entre editorias que, em última instância, estão todas interligadas. Quanto à etiqueta “Na/nd”, esta simboliza o conjunto de peças sem localização ou cuja referência remete para a produção do texto simplesmente na “Redação”. A informação publicada é catalogada desta forma quando se trata da

¹³ **Correção:** A localidade de Serpa deve ser incluída no distrito de Beja, que passa a contabilizar 11 acontecimentos. Por sua vez, Estremoz pertence ao distrito de Évora, agora com um total de 24 peças. A notícia relativa à cidade de Peniche soma-se ao total do distrito de Leiria, com 7 registos.

adaptação de um *press release* associado à edição de um livro ou lançamento de uma série numa plataforma *online* como a *Netflix* ou o *Youtube*, a título de exemplo.



vi. Gráfico 5: Temas mais Noticiados
(N-447)



vii. Gráfico 6: Acontecimentos mais Noticiados
(N-447)

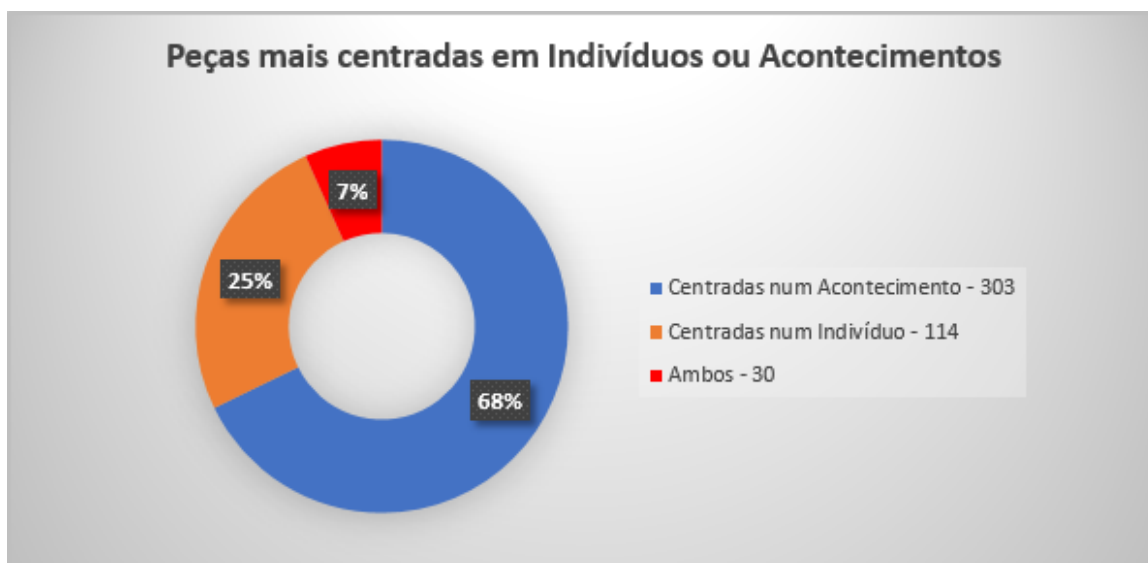
As categorias que constituem este par de gráficos, quando apresentadas em conjunto, mostram a homogeneidade que caracteriza a editoria de cultura da Lusa. Há uma clara interseção entre o tema e os dois acontecimentos mais noticiados -

música e estreias/inaugurações ou festivais. Estes três itens parecem representar a zona de conforto em termos de lucro na colocação de notícias em “linha”. Por outras palavras, maior atração do interesse do público em relação a uma informação promete gerar mais dinheiro, o que sugere que mais clientes comprem a notícia da agência.

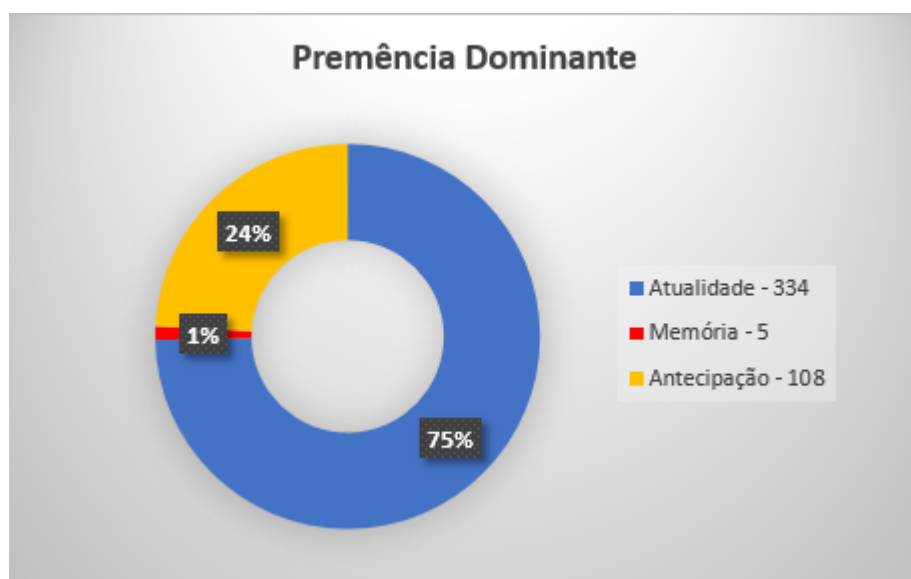
Quanto aos temas a ter em atenção, salienta-se a prevalência da música (109 notícias publicadas), seja esta música ao vivo ou na forma de lançamento de discos onde, frequentemente, se entrevista o artista responsável pelo trabalho. “Museus (Exposições)” estão em segundo lugar (83), sendo que uma grande porção das peças a que nos referimos se tratam de antecipações de jornalistas a mostras de arte, seguidas da cobertura das inaugurações, mais à frente na mesma semana. Literatura (57) e Cinema (54) também têm a sua importância no gráfico em questão, e este protagonismo agudiza-se quando comparamos os temas com os acontecimentos, na tentativa de traçar pontos de conexão.

Contudo, ambos os gráficos remetem para categorias que decidimos nomear de “Outros/Diversos” para reduzir a escala de classificação. Esta etiqueta abarca a produção escrita dedicada a políticas culturais ou decisões tomadas a nível municipal. Mais especificamente, assuntos do orçamento de Estado, decisões do Ministério da Cultura ou questões relacionadas com o Património. O facto de ser uma categoria mais abrangente pode justificar a sua posição de destaque nos gráficos cinco e seis.

Dentro dos acontecimentos mais noticiados encontramos três categorias a disputarem o segundo lugar com um número de publicações muito próximo - “Festivais” (culturais, de música ou feiras municipais; 77), “Outros/Diversos” (74) e “Espetáculos/Exposições” (74). Curiosamente, a variável referente aos “Óbitos/Efemérides” sobrepõe-se ao número de notícias associadas a lançamentos e prémios.



viii. Gráfico 7: Peças mais centradas em Indivíduos ou Acontecimentos (N-447)



ix. Gráfico 8: Premência Dominante (N-447)

O falecimento de múltiplos “protagonistas culturais” e as notícias que daí decorrem pode muito bem explicar a fatia considerável de peças centradas em indivíduos, mesmo dentro de um ambiente de agência. Escolhendo ficar um pouco à

margem do sensacionalismo que caracteriza o instinto do jornalista, a Lusa defende que a tónica deverá sempre que possível ser colocada no acontecimento. Embora 68% das peças da amostra reflecta essa resolução, 25% da informação incide nos indivíduos (artistas, curadores, produtores, entre outros). Novamente, as leis do mercado parecem ditar o valor desta última percentagem dentro de uma editoria “secundária” na redacção. A necessidade de tornar a notícia numa moeda de troca valiosa pode fazer girar o foco do acontecimento para o protagonista ou para os atores sociais nele envolvidos.

A fechar a apresentação de dados do estudo estatístico, o último gráfico retrata a dominância dos eventos atuais na agenda da agência Lusa, cuja principal preocupação é dar as notícias em primeira mão. Há uma imposição constante de renovar o ciclo com informação nova e mais recente que as fontes adequadas conseguem fornecer. Enquanto que 75% da produção escrita da *desk* de cultura é referente a acontecimentos atuais, 24% está reservada à antecipação de eventos. Tendo em conta a informação de que dispõem quando em contacto com assessores de imprensa, os *press releases* enviados por e-mail para as redacções são as melhores ferramentas para os jornalistas redigirem textos que anunciam espetáculos, peças de teatro, exposições ou adições de artistas ao alinhamento de festivais de música.

D. **Discussão das Conclusões:** O Círculo Vicioso da agenda cultural

Do capítulo anterior surgiram quatro premissas que pretendemos expor e desenvolver com vista a um debate final acerca do círculo vicioso da agenda cultural em que a Lusa caiu:

a) O problema da estagnação e “crise” nos temas e acontecimentos noticiados com maior frequência.

Múltiplos académicos parecem chamar a atenção, nos seus artigos científicos, para a falta de identidade e de fronteiras bem definidas em relação ao jornalismo sobre cultura. No fundo, parece tratar-se de transpor o termo “líquido” para o universo da profissão, uma vez que este se refere “às mudanças profundas nas redações dos dias atuais; uma mão de obra flexível, com competências múltiplas [e] hábitos de trabalho estandardizados” que, de acordo com as investigações de Mark Deuze, acabam por fazer “decrecer a autonomia individual dos jornalistas, aumentando a rotatividade e insegurança nas carreiras”.¹⁴

Acredito que a “crise” instalada nos temas e acontecimentos sinónimos com o jornalismo contemporâneo tenho criado as suas raízes naquelas que são as mais recentes condições de produção, do ponto de vista dos seus trabalhadores. Certamente que, se as abordagens e o tratamento da informação por parte dos jornalistas de cultura da Lusa fossem diferentes, comparativamente às dos seus colegas de outras secções, autores estrangeiros como Jaakkola, Hellman ou Kristensen também os poderiam considerar “jornalistas com uma diferença” ou “pássaros do paraíso”. Porém, o discurso e métodos de trabalho da agência colocam demasiadas restrições, entrando em desacordo com as tendências atuais pautadas por maiores interseções da cultura com a política, património, moda, gastronomia, entre outros temas.

¹⁴ Sugestão de tradução do excerto original: “[...] The term ‘liquid’ was later adopted into journalism research by Mark Deuze (2007), who uses the term to refer to the profound changes in today’s newsroom; a flexible, multi-skilled workforce, standardized work habits, the decreasing autonomy of individual journalists, increasing job rotation and insecure careers [...]”. Retirado do artigo de Jaakkola e Hellman (entre outros), intitulado “Liquid modern journalism with a difference” (2015).

A lista de categorias na algibeira da noção de “cultura” do mundo ocidental alarga-se a cada dia que passa mas, como os gráficos indicam, a Lusa parece manter o leque de interseções limitado, com vista a favorecer uma narrativa mais linear, focada e simples. Resumindo, a agência apresenta uma estética mais despojada, provocando discussões acerca de forma como realmente trata e avalia os dados que recebe para gerar aquele que será o primeiro *take* de um assunto. Com efeito, esta é a principal razão subjacente à influência da agência nacional:

Um domínio compreensível e mesmo previsível, sobretudo porque a Lusa assumiu entretanto a sua missão [...] ser grossista de informação [...] Ao recorrerem aos serviços da agência, os órgãos de comunicação nacionais passaram a dispor de uma maior diversidade de conteúdos informativos a menor preço do que lhes custaria se fossem produzidos pelos próprios meios e, assim, a afetar esses recursos a outros fins. (Agência Lusa, 2007)

Nesta instância, a ideologia da Lusa é vendida como um trunfo, mas pode ser encarada igualmente como uma desvantagem dentro do meio, dada a aparente falta de preocupação com o tratamento, interpretação e desconstrução de elementos cerne do texto a publicar.

b) A entrada do jornalismo cultural na era do descartável, com informação que rapidamente se difunde, mas não perdura nem incita à discussão e reflexão dos assuntos redigidos.

O Contrato de Prestação de Serviço Noticioso e Informativo de Interesse Público da Lusa declara, desde a segunda cláusula, o pressuposto da “recolha, *tratamento* e divulgação da informação noticiosa sobre a atualidade nacional e internacional [...] segundo critérios de isenção, rigor, independência e respeito pelo pluralismo, como modelo indispensável para assegurar o direito dos cidadãos a serem informados”. A montante, a terceira cláusula reforça a atenção dada à “informação recolhida nos seus diversos serviços noticiosos segundo critérios jornalísticos da sua inteira e exclusiva responsabilidade”. Embora se verifique um cuidado extremo na divulgação da informação mais relevante - acrescentando algo de inédito à realidade dos seus clientes - o tempo reduzido para colocar a notícia

final em “linha”, logo após uma saída do escritório, revela-se um inimigo no que toca à desconstrução de citações que abram caminho a uma reflexão mais demorada e desenvolvida no corpo do texto.

A notícia assume cada vez mais a forma de um produto banal, que se compra ou consome de imediato e com o qual o cidadão comum perde menos do seu tempo. De facto, a fatia de informação incluída nas *soft news* parece ver o seu lugar mais ameaçado no quotidiano do público e, a prova mais evidente, são os cortes que as pessoas fazem na compra de jornais, revistas e/ou suplementos de cultura. Atualmente, prolifera a noção de que os artigos encontrados nas redes sociais são suficientes para entender o mundo, nos seus diferentes espectros. Contudo, a narrativa cultural que circula no *Facebook* ou *Twitter* é limitada e convencional. Quero com isto dizer que esta traz mais constrangimentos ao público do que liberdades. Se há uma área no jornalismo que deveria beneficiar de um leque maior de opções é a da cultura e os jornalistas do ramo são responsáveis pela implementação de novos gostos, devendo apresentar aos seus leitores programas culturais diversificados. Em 2003, o autor espanhol Enrique Bustamante havia já detetado a preferência dos órgãos de comunicação por uma

[...] “cultura clónica”, permanentemente repetitiva dos produtos de êxito passado, que não pode deixar de castigar as criações inovadoras ou minoritárias [...] pondo em perigo o conjunto da ecologia historicamente apoiada por cada sector.¹⁵ (Bustamante, 2003)

Ao ser desencorajado de desconstruir a informação que divulga, o jornalista encontra-se numa posição similar aos leitores já que, de acordo com as regras do “bom jornalismo”, terá de passar despercebido. É precisamente a exigência deste pedido que me leva a recuperar a expressão “intermediário cultural”, da autoria do sociólogo Pierre Bourdieu, contemplando a facilidade com que esta se aplica às tarefas do jornalista de cultura atual. Por vezes, o silêncio do redator do conteúdo informativo representa sucesso e lucro para a organização onde este trabalha. Talvez a forma mais eficaz de suscitar a discussão de assuntos na sociedade seja

¹⁵ Sugestão de tradução do trecho original, incluído na obra organizada por Carla Baptista *A Cultura na Primeira Página - Uma década de jornalismo cultural na imprensa em Portugal* (2017).

apenas a divulgação destes. A desconstrução e análise fica a cargo do cidadão comum, sendo o jornalista visto como tal quando deixa o seu local de trabalho.

Contudo, a passividade sugerida pela Lusa corre o risco de servir de instrumento para perpetuar “a lógica da uniformização”, apontada numa crónica de António Guerreiro para o diário Público como “uma das formas do novo «fascismo cultural»”, auxiliado principalmente pelo “editorialismo, que é o contrário do pensamento crítico”.

c) Embora um dos grandes objetivos da Lusa, todos os anos, seja descentralizar a cobertura noticiosa e criar um universo de categorias mais heterogéneo, se avaliarmos os gráficos acima concluímos que a agência ainda está longe de harmonizar esse panorama.

Fazendo transparecer o meu desacordo com a política de homogeneidade e centralização, gostaria de sublinhar que a editoria onde trabalhei se trata de uma pequena peça dentro de toda a organização cooperativa que é a Lusa - Agência de Notícias de Portugal. De facto, em termos de recursos humanos é mesmo a mais pequena e, embora os seus elementos se queixem frequentemente de problemas logísticos, cabe à Direção de Informação tomar as decisões que conduzem às grandes mudanças. A centralização e o favorecimento da região litoral é, acima de tudo, um problema do país e é fundamental tentar mudar a mentalidade dos detentores de grandes negócios e convencê-los que o interior também constitui uma zona de aposta válida.

A alínea 1.2 da quinta cláusula do contrato de concessão da Lusa alerta para a existência de uma rede nacional de cobertura de informação que continuará a funcionar adequadamente enquanto conseguir “manter correspondentes em todos os distritos de Portugal Continental e nas regiões autónomas dos Açores e da Madeira”, garantindo “o patamar mínimo de presença da Lusa no todo nacional”. Com diferenças tão amplas na cobertura jornalística do território nacional, parece-

me evidente que a redução do número de correspondentes, com o encerramento dos escritórios de Coimbra, Évora e Faro, teve um impacto negativo.

Aquando da concretização destes ajustes - uma estratégia de combate ao auge da crise económica do país, em 2012 - Afonso Camões, então Presidente do conselho de administração da agência reagiu frisando que o conceito atual de delegação sofreu mutações e não implica mais a existência de um escritório físico. Em declarações ao Público afirmou: “Hoje os jornalistas estão todos equipados com computador portátil, placa 3G. Temos câmaras de vídeo em 83 locais”¹⁶.

Sendo uma organização que deseja estar na vanguarda no que toca à redistribuição da informação e, ao mesmo tempo maioritariamente financiada pelo Estado, a Lusa canaliza os seus fundos de forma a colmatar dificuldades prioritárias. Assim, é compreensível que se cada capital de distrito dispõe de um ou dois correspondentes estes se vejam impossibilitados de dar vazão a tudo o que se passa na sua área; daí a produção de um volume menor de notícias. Recordando episódios do rescaldo daquele que foi considerado “O pior dia do ano em matéria de incêndios”¹⁷ (15 de outubro de 2017), o Presidente Marcelo Rebelo de Sousa passou vários dias a visitar as populações das zonas mais afetadas do território. Considerando que grande parte destas eram aldeias mais recônditas nos distritos de Coimbra ou Guarda, os chefes da redação de Lisboa não conseguiram reunir mais colaboradores ou correspondentes nas zonas a Norte da capital que assegurassem a cobertura noticiosa de visitas que, por sua vez, não constavam da agenda oficial do chefe de Estado.

Além da falta de recursos humanos, deduz-se que a oferta cultural relevante de converter em notícia e mais apelativa para o público esteja concentrada nas duas grandes zonas metropolitanas de Lisboa e Porto, o que explica a necessidade de estabelecer uma rede de cobertura mais vasta e intensa. Comprovando uma das teorias de Bourdieu, subjacente aos conteúdos que compõem a editoria de cultura está “uma grande aleatoriedade económica”, relacionada com o facto de o “produtor

¹⁶ Declarações disponíveis *online*: <https://www.publico.pt/2012/02/28/portugal/noticia/lusa-fecha-delegacoes-mas-aumentou-producao-de-noticias-diz-presidente-1535659>

¹⁷ Segundo uma representante da Proteção Civil, citada no seguinte artigo *online*: <http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/15-10-2017/o-pior-dia-do-ano-em-materia-de-incendios>

nunca saber com certeza se encontrará a procura e rentabilidade necessária(s) para cobrir/justificar os seus custos”. Por fim, a posição social de intelectuais e artistas depende das “forças insidiosas [...] do mercado” que impulsionam “o desaparecimento progressivo dos universos autónomos de produção cultural”.

d) A verificação de apenas dois grandes géneros jornalísticos é ideal para sistematizar a informação em ambiente de agência, mas talvez não tão apelativo do ponto de visto dos leitores. Similarmente, a Lusa coloca os acontecimentos em primeiro plano nas suas peças, fazendo menos produção noticiosa focada em indivíduos.

Por um lado, o sentido de urgência intrínseco ao trabalho na agência noticiosa requer um sistema de organização de informação descomplicado e fácil de segmentar. Por outro, a riqueza e diversidade de temas culturais merecem múltiplos géneros jornalísticos, que possam compartimentalizar potenciais interseções de abordagens ou realidades. Consciente do pluralismo da noção de “cultura”, Vítor Belanciano frisa que as peças deste ramo do jornalismo não devem

limitar-se aos lançamentos de discos, livros, exposições ou filmes. Nem ao tipo de notícias que dependem mais da velocidade de actuação - em concorrência, quase sempre em perda, com a Internet - mas, sim, apostar na diferença. [...] Decifrar objectos de forma inclusiva. [...] O jornalismo cultural deve examinar mais as implicações das obras na sociedade do que limitar-se à agenda de eventos. (Belanciano, 2010)

No entanto, no caso da Lusa, a Internet é vista regularmente como “rampa de lançamento” para os primeiros artigos que se escrevem: as primeiras entrevistas a “protagonistas culturais” que saem a público após a divulgação de um trabalho mais recente, por exemplo. Analogamente, o jornalismo praticado deve permanecer isento de críticas e/ou comentários, sendo difícil decifrar objetos completamente, mantendo um registo de simples divulgação de eventos. Num enquadramento aparentemente fora de moda, se tivermos em atenção as novas tendências do jornalismo cultural, a Lusa decide centrar a sua produção escrita em acontecimentos, colocando os indivíduos responsáveis em segundo plano. Sabendo de antemão que a agência vende notícias que podem ou não vir a ser tratadas

posteriormente por outras cadeias de comunicação social, esta é uma decisão que ganha mais sentido.

Finalmente, ao ler as notícias analisadas, deduzimos que embora o foco destas esteja nos acontecimentos, os protagonistas entrevistados ao longo das peças são muitas vezes artistas e nomes familiares para os leitores, o que leva a que “[...] [profissões] ligadas aos aspetos mais técnicos (como os curadores, os programadores ou os editores, por exemplo) ou financeiros (como os produtores e outros empresários) [surjam] de forma residual [...]”.

E. Lusa: Uma entidade imune às novas tendências do jornalismo sobre cultura?

Penso que o jornalismo praticado em qualquer agência noticiosa - nacional ou internacional - deverá sempre recusar-se a assumir um caráter publicitário, sobretudo se se trata de uma sociedade anónima cujo principal acionista é o Estado. Assuntos como a gastronomia ou a moda têm o seu lugar na “linha” de produção noticiosa, mas os jornalistas certificam-se de que o relato dos eventos - desfiles ou abertura/inauguração de restaurantes, nestes casos - permanecem “despidos” de adjetivos valorativos, removendo o tom de “crítica” ao trabalho dos artistas, comum em suplementos culturais ou revistas mais especializadas nas indústrias. O acompanhamento de temas menos tradicionais é feito de forma direta.

Geralmente, o jornalismo cultural, ficando ou não à margem das novas tendências, tem como grandes aliados as figuras dos assessores de imprensa, mediadores das relações de poder estabelecidas em ambiente profissional. Faz parte das competências do assessor apresentar os jornalistas ao entrevistado e, partindo do valor de mercado ou da visibilidade que a empresa de comunicação social pode dar ao “protagonista cultural”, alguns casos podem até suscitar entrevistas exclusivas. Conversas individuais com os atores sociais resultam, por norma, de pedidos dos jornalistas de grandes estações televisivas - RTP, SIC ou TVI - aos assessores. Áreas como a música, literatura e cinema ocupam lugares cimeiros na cultura global pois são, por excelência,

[...] modalidades [...] que envolvem os maiores públicos e, conseqüentemente, maior movimento financeiro na produção e consumo, contando com a estrutura de grandes gravadoras, produtoras e editoras que, através das suas assessorias de comunicação, fornecem farto material à imprensa. (Azevedo, 2017)

Para alcançarmos o capital cultural, convertido no conteúdo da peça jornalística final, primeiro temos de olhar para a movimentação de capital económico e questionar se este é suficientemente grande para justificar a cobertura noticiosa de determinado evento. A imunidade da Lusa relativamente às novas tendências significa que a agência continuará a colocar ênfase na aposta da produção de artigos que garantam lucro.

Os assessores de comunicação e os restantes jornalistas são dois “intermediários culturais” fulcrais e, do ponto de vista do estagiário, as pessoas que nos recebem nas instituições culturais que visitamos não só nos integram no grupo de colegas mais experientes - associados a outros grupos de comunicação também em serviço - como nos clarificam quaisquer dúvidas em relação à contextualização do espetáculo, exposição ou ensaio de imprensa a que vamos assistir. A preparação e leitura do kit de imprensa é, frequentemente, feita vinte minutos antes da intervenção artística, fazendo-nos aprender a trabalhar sob pressão e a pensar em questões pertinentes que permitam uma reflexão mais alargada acerca do objeto artístico e das suas implicações sociais por parte dos entrevistados.

Relações interpessoais à parte, uma questão permanece em aberto: que significado atribuir à representação pública das artes se esta é constantemente abordada com ênfase no capital económico e não no cultural?

IV. Saídas autónomas da redação que definiram o estágio

[2016] was a historic year, but not always in a good way. Trump was elected, Brexit happened, there were repeated terror attacks in Europe, Aleppo was turned to rubble [...] it was also a year in which the media itself became the news. Post-truth, the Oxford Dictionary's word of the year, reflects a world where "objective facts have become less influential in shaping public opinion than appeals to emotion.

(Newman, 2017)

A. Entrevista a Paul Auster: pode a literatura ainda ser subversiva?

Pela primeira vez tomei também contacto direto com “a natureza fundamental das coberturas [...] resumida a um desempenho profissional hegemonicamente dominado pelas pressões das assessorias de imprensa, pelas relações de poder estabelecidas pelas empresas jornalísticas e pelo oportunismo publicitário”¹⁸.

Apesar do cansaço de Paul Auster, a principal razão para a reunião de um grupo de jornalistas com quem tinham sido marcadas entrevistas individuais numa só sala em Cascais, a entrevista ao romancista norte-americano viria a revelar-se a experiência de trabalho de campo mais positiva do estágio na Lusa. Os cerca de quinze dias de preparação foram suficientes para me inteirar da obra de Auster, estudando-o ao máximo enquanto autor e pessoa. “4 3 2 1”, o livro que este veio promover ao Festival Internacional de Cultura de Cascais é monumental em todos os sentidos: na sua conjuntura histórico-cultural e do ponto de vista político, sendo apelidado de “sprinting elephant”¹⁹ pelo escritor residente em Brooklyn, Nova Iorque, devido às 866 páginas que compõem a versão original, em inglês.

A minha única preocupação antes de elaborar perguntas que fizessem o autor pensar - que pautassem pela diferença - foi a procura de interseções entre a atualidade política norte-americana e europeia com os temas gerais da obra; bastou uma breve pesquisa na internet para perceber que Auster era frontal e direto na sua

¹⁸ Citação de J. S. Faro, 2006.

¹⁹ Expressão retirada de uma entrevista feita ao autor, em 2017, disponível *online*: <http://themanbookerprize.com/news/paul-auster-interview>

demonstração de desagrado com a eleição de Donald Trump como o mais recente presidente dos E.U.A. Das sete perguntas que levei preparadas, concluí que o homem responsável pelo livro não o escreveu para apoiar manifestações anti-Trump ou com o intuito de refletir, na ficção, uma revolta face aos dias atuais. “4 3 2 1”, embora ganhe corpo nos mesmos panos de fundo históricos, é o conjunto de quatro histórias *coming of age* da mesma personagem principal - Archie Ferguson - atingida pelo acaso em momentos distintos dos seus percursos alternativos.

De resto, posso afirmar que a primeira saída oficial da redação foi particularmente feliz e recompensadora, já que tive *feedback* favorável de Auster, da sua *entourage* e da própria assessora de imprensa da Leya que chegou mesmo a comunicar ao editor adjunto de cultura - a pessoa que inicialmente me atribuiu o serviço - que o escritor havia ficado impressionado com as perguntas que lhe tinha feito e toda a preparação realizada pré-entrevista. As questões às quais tive resposta propiciaram “as afirmações mais expressivas”, conduzindo à redação de duas peças “com acutilância e o necessário enquadramento”, segundo as regras do Livro de Estilo da agência.

B. Entrevista a Vanessa Redgrave: o papel pedagógico do cinema documental

Logo após o visionamento de imprensa do documentário da atriz britânica Vanessa Redgrave, todos os jornalistas tiveram oportunidade de a questionar acerca das mensagens políticas e sociais de um filme que examinava a crise dos refugiados e as condições dos campos onde estes eram alojados. A obra é apresentada em forma de sermão, alertando os espectadores para a violação dos Direitos Humanos por parte dos representantes de países que se recusaram a acolher famílias deslocadas do seu território nativo. Embora artisticamente e do ponto de vista técnico não tenha recebido boas críticas, “Sea Sorrow” é uma longa-metragem eficaz, socorrendo-se da retórica de Redgrave para suscitar uma reflexão mais profunda do público.

O jornalista em serviço está, porventura, numa posição ingrata por não dispor de tempo suficiente para pensar sobre um assunto multidimensional e

extremamente ambíguo, sendo obrigado a escrever a peça final assim que volte à redação. O facto de não podermos deixar os acontecimentos repousar continua a ser, na minha ótica, a maior desvantagem de estagiar numa agência noticiosa. Tratou-se uma experiência menos positiva e talvez mais próxima da realidade de um jornalista que, apesar de obrigado a gerir constrangimentos de tempo, terá sempre de publicar o artigo mais completo que conseguir redigir com o material que possui. Em entrevista à revista *E*, do semanário Expresso, Vanessa Redgrave dá a entender o papel pedagógico da produção, admitindo que tem intenções de ensinar as origens desta crise aos políticos que tratam a Declaração Universal dos Direitos do Homem como “um aborrecimento, um incómodo [e algo] deliberadamente retirado da agenda”²⁰.

²⁰ Citações retiradas da edição da revista *E*, do semanário Expresso, lançada a 29 de setembro de 2017.

V. CONCLUSÃO: Reformulação dos princípios internos da editoria de Cultura

Creio que todos os jornalistas interessados no ramo cultural já se aperceberam que o debate entre a institucionalização da arte - a vontade de a tornar mais acessível através da divulgação por meio da notícia - e a defesa da irreverência ou de uma certa rebeldia que fomente a criatividade nas obras será constante. Tal como a agenda cultural tipo do jornalismo português, gera-se também um círculo vicioso na procura da resposta adequada à questão da reformulação interna nesta editoria da Lusa.

Senti a necessidade de abordar este assunto porque a única reunião de planificação semanal da editoria a que assisti na última semana de estágio incidiu, em grande parte, na tentativa dos jornalistas e editores, num esforço conjunto, alcançarem novas conclusões quanto à dinamização da secção. Uma das soluções mais imediatas, com vista a renovar um ciclo repetitivo de informação reciclada, dizia respeito à introdução de novos autores literários (emergentes e desconhecidos do grande público) noticiando o lançamento dos seus primeiros livros, com o objetivo de captar a atenção dos clientes da Lusa. Com a proposta na mesa, alguns jornalistas afirmaram que não teriam tempo para ler os trabalhos dos escritores e continuar a produzir o mesmo número de artigos diários. A gestão das horas de trabalho - que se escasseiam rapidamente em ambiente de agência - surgia de novo e, desta vez, não seria apenas um problema dos estagiários mas também dos jornalistas mais experientes.

Por vezes, a dedicação dos membros da *desk* de cultura parece passar despercebida à Direção de Informação da Lusa e, como tal, os jornalistas são apenas capazes de “pequenas revoluções”. Idealmente, tendo o auxílio dos chefes de redação e da cúpula de dirigentes da agência, a reforma pela qual tanto se anseia poderia chegar a bom porto. Caso contrário, a estratégia de trazer maior diversidade e uma sensação de cosmopolitismo conduzirá à crescente insatisfação das pessoas que dão voz e corpo à cultura da única agência noticiosa portuguesa.

Sendo o jornalismo também uma profissão ancorada em *trade-offs*, parece-me compreensível que os seus trabalhadores assegurem as suas posições e direitos, alertando para uma possível sobrecarga de tarefas a desempenhar mesmo que produzam as notícias que lhes competem, dentro das áreas que lhes agradam. Acima de tudo, a intenção de modernizar a narrativa cultural que uma organização transmite nacional e internacionalmente obriga, provavelmente, ao abandono de alguma da oferta noticiosa não tão relevante nos dias de hoje. Ainda assim, a dificuldade da filtragem do fluxo de informação é evidente e implica rigor, o que nos leva a concluir que atitudes vistas como vanguardistas dentro de uma editoria - por mais pequena que seja - devem sempre justificar os interesses daqueles que subscrevem o serviço, suscitando novidade contínua.

A. A convicção da palavra como combustível para a mudança

Se lhe fosse cedida [à cultura] apenas um terço da importância, do capital, do destaque, que é dado por exemplo à política, ou ao desporto, quer seja pelos meios de comunicação, pelos políticos ou pelos próprios cidadãos, o País seria, certamente, mais rico, diversificado e esclarecido. A cultura não deve, nem pode, estar 'presa' a um orçamento de estado, a um jornal ou a um preço. A cultura é um direito de uma sociedade democrática. (Moreira, 2015)

Recuperando algumas das teses a reter do presente relatório de estágio, a editoria de Cultura da Lusa sobrevive, embora frágil, e depois da sua extinção em 2012 voltou como entidade independente, consolidando o seu estatuto depois da fusão com a editoria de sociedade. No entanto, como secção integrada numa agência reconhecida pelo seu trabalho de equipa, a editoria merge-se com todas as outras se considerarmos o primeiro grande capítulo do presente relatório - *Padrões Discursivos*. A produção noticiosa de qualquer *desk* terá sempre de apresentar um parágrafo *lead* conclusivo e objetivo, acompanhado da menção e clarificação das fontes responsáveis pelo fornecimento da informação.

De seguida, o estabelecimento de *Padrões Estatísticos* trouxe precisão ao tema da investigação, com a análise de oito casos diferentes, materializados pelos respetivos gráficos que confirmaram, por um lado, a heterogeneidade do jornalismo

cultural como área de confluência de “media, géneros e produtos [...] para propósitos criativos, críticos ou [...] públicos”; apesar de ser um campo específico da profissão, “é notavelmente amplo em termos de conteúdo [...]”. Por outro lado, quantitativamente foram expostas as lacunas da cobertura noticiosa homogénea da Lusa que, tal como o da restante imprensa portuguesa, torna “[...] muito discutível o cosmopolitismo da visão jornalística sobre a cultura. A maioria das peças diz respeito a acontecimentos ocorridos em Lisboa [e as] restantes cidades nacionais são quase invisíveis [, denunciando uma situação que] não reflecte a diversidade e riqueza da vida cultural do país e funciona em contraciclo com uma dinâmica histórica, acidentada mas progressiva, de descentralização da oferta cultural.”

Reconhecemos, igualmente, uma “crise identitária” no jornalismo que trata de assuntos culturais, motivada pela “modernidade líquida” segundo a definição de Mark Deuze. Contudo, não nos referimos a um declínio; pelo contrário, assistimos a uma “expansão e desenvolvimento do foco” de um ramo que envolve várias esferas de pensamento, entre as quais a da indústria do consumidor, bem como a de “uma paisagem dos media cuja competitividade e profissionalismo são cada vez mais elevados”. De acordo com o enquadramento de Kristensen e From, há que afinar o foco de uma área onde os jornalistas têm de aprender a gerir múltiplas camadas (e as suas interseções) da maneira mais harmoniosa possível.

Independentemente das falhas na prática do jornalismo contemporâneo, a intervenção de cidadãos que analisem as mudanças a que o mundo contemporâneo está sujeito pode ser vista como um recurso precioso. Em tempos de caos político, social e cultural, quando questionado acerca da reputação do jornalismo, tendo em atenção a problemática das *fake news*, Paul Auster respondeu assertivamente:

[...] it's the job of journalists to get to the bottom of all the truths about what's going on right now and there's no job more important to the well being of the world than really good journalism [...] Authoritarian leaders attack the press because they want to undermine people's faith in the truth. I think this is a time when we need journalists more than ever and I can't think of a more noble profession.²¹

²¹ Paul Auster em resposta a uma questão feita na entrevista coletiva em que a Lusa participou, a 11 de setembro de 2017, em Cascais.

VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agência Lusa. *Agências de Notícias de Portugal*. Lisboa: 2007

Agência Lusa. *Livro de Estilo*. Lisboa: 2012

Agência Lusa. *Relatório e Contas 2012*. Disponível online : <www.lusa.pt>, última consulta a 15 de março de 2018

Agência Lusa. *Relatório e Contas 2016*. Disponível online: <www.lusa.pt>, última consulta a 17 de março de 2018

Agência Lusa. *Contrato de Prestação de Serviço Noticioso e Informativo de Interesse Público 2017*. Disponível online: <www.lusa.pt>, última consulta a 24 de março de 2018

Baptista, C. 2017. *A Cultura Na Primeira Página - Uma década de jornalismo cultural na imprensa em Portugal*. Lisboa: Escritório Editora

Bell, Allan. 1991. *The Language of News Media*. Oxford: Blackwell

Bourdieu, P. 2010. *A Distinção: Uma Crítica Social da Faculdade do Juízo*. Lisboa: Edições 70

Bourdieu, P. 1993. *The Field of Cultural Production*. Cambridge: Polity Press

Boyd-Barrett, O. (2012). As agências nacionais de notícias na turbulenta era da Internet. *Comunicação e Sociedade*, 33 (57), 7-56

Faro, J.S. (2006). Nem tudo que reluz é ouro: contribuição teórica para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CSO/article/viewFile/3871/3384>

Fiske, J. (2011). *Television Culture*. 2ª edição. Estados Unidos, Canadá: Routledge

Harries, G. and Wahl-Jorgensen, K. (2007). The culture of arts journalists: Elitists, saviors or manic depressives? *Journalism*, 8 (6), 619-639

Hellman, H. and Jaakkola, M. (2012). From aesthetes to reporters: The paradigm shift in arts journalism in Finland. *Journalism: Theory, practice and criticism*, 13 (8), 1-19

Hesmondhalgh, D. (2006). Bourdieu, the Media and Cultural Production. *Media, Culture and Society*, 28 (2), 211-231

Jaakkola, M. 2015. *The contested autonomy of arts and journalism: Change and continuity of the dual professionalism of cultural journalism*. Disponível em <https://tampub.uta.fi/bitstream/handle/10024/97272/978-951-44-9849-7.pdf?sequence=1>

Jaakkola, M., Hellman, H., Koljonen, K., Väliverronen, J. (2015). Liquid Modern Journalism with a Difference. *Journalism Practice*, 9 (6), 811-828

Jorge, Carla Sofia Esteves. (2013). *A Agência Lusa como fonte na imprensa escrita generalista portuguesa*. Disponível em https://run.unl.pt/bitstream/10362/12082/1/tese_final_corrigida.pdf

Kristensen, N. N., & From, U. (2015). Cultural Journalism and Cultural Critique in a Changing Media Landscape. *Journalism Practice*, 9 (6), 760-772

Kristensen, N. N. (2010). The historical transformation of cultural journalism. *Northern Lights*, 8, 69-92

Lithgow, M. (2012). Defying the news: new aesthetics of “truth” in popular culture. *Canadian Journal of Communication*, 37 (2): 281-302

Moreira, Cátia Sofia Grazina. (2015). *O Papel da Cultura e a Cultura no Papel: Um olhar sobre o jornalismo cultural português através das páginas do Jornal de Letras Artes & Ideias*. Disponível em http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/25627/1/ulfl199980_tm.pdf

Newman, N. *Journalism, Media and Technology Trends and Predictions 2017*. University of Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism

Piza, Daniel. (2004). Uma primeira definição de jornalismo cultural. *Jornalismo Cultural*. 2.ed. São Paulo: Contexto

Prior, N. (2005). A Question of Perception: Bourdieu, Art and the Postmodern. *The British Journal of Sociology*, 56 (1): 123-139

Silva, Dora Santos. (2015). *Cultural journalism in a digital environment: new models, practices and possibilities*. Disponível em https://run.unl.pt/bitstream/10362/17022/1/Dissertacao_PhD_Media_Digitais_Dora_Santos_Silva_Setembro_2015_FCSH.pdf

Silva, Dora Santos e Silva, Marisa Torres da. (2017). Definições, Tendências e Marcas Discursivas do Jornalismo Cultural. *A Cultura na Primeira Página - Uma década de jornalismo cultural na imprensa em Portugal*: 87-107

Zelizer, B. 2004. *Taking Journalism Seriously. News and the Academy*. Thousand Oaks, California: Sage

VII. ANEXOS

Produção Própria de Conteúdos para a editoria de Cultura

Data	Título da Notícia	Saída da Redação	Exemplo de Publicação online
9 de agosto de 2017	Música e literatura na programação de agosto da Casa Fernando Pessoa		https://www.tsf.pt
10 de agosto de 2017	Encontrados dois esboços do artista Alberto Giacometti em antiquário londrino		http://sicnoticias.sapo.pt
11 de agosto de 2017	Salomé Lamas e Gonçalo M. Tavares entre autores que animam escola de verão da BOCA Cinco “Girassóis” de Van Gogh exibidos em conjunto pela primeira vez em galeria virtual BREVES: Cultura (2ª edição) Réplica falsa de “Mona Lisa” de Da Vinci à venda por mais de um milhão de euros		https://www.tsf.pt http://sicnoticias.sapo.pt http://www.tvi24.iol.pt
14 de agosto de 2017	Cinquenta mil fãs assinalam 40.º aniversário da morte de Elvis Presley em Graceland		http://sicnoticias.sapo.pt
15 de agosto de 2017	Poeta Carlos Drummond de Andrade homenageado em Minas Gerais após a morte		https://www.dn.pt
16 de agosto de 2017	Ator Daniel Craig regressa como James Bond no próximo filme da saga Manchester Arena reabre a 09 de setembro para espetáculo de beneficência		https://observador.pt https://www.dn.pt

17 de agosto de 2017	Museu Fotografiska terá em Londres primeira galeria fora da Suécia		https://www.dn.pt
7 de setembro de 2017	Donald Sutherland e Agnès Varda distinguidos com Óscares honorários "Voando Sobre um Ninho de Cucos" terá prequela assinada por Ryan Murphy e Netflix Cineasta Fernando Meirelles realizará filme sobre os Papas Francisco e Bento XVI 'Single' inédito do cantor George Michael estreado em canal da BBC		http://sicnoticias.sapo.pt https://www.dn.pt http://sicnoticias.sapo.pt https://observador.pt
8 de setembro de 2017	Mónica Bellucci e Agnès Varda irão receber Prémio Donostia em San Sebastián Nova obra de John Le Carré recupera personagem de George Smiley após 27 anos Ilustradora Mara Santos Silva vence Prémio de Literatura Infantil Pingo Doce		https://www.tsf.pt https://mag.sapo.pt https://www.rtp.pt
11 de setembro de 2017	Escritor Paul Auster previu a eleição de Donald Trump após o desfecho do Brexit	X	https://www.tsf.pt
12 de setembro de 2017	Open House Lisboa alarga roteiro e conta com programa inédito de acessibilidades Paul Auster combina material genético e o inesperado na obra "4 3 2 1" Escritor Paul Auster rejeita arte baseada em Donald Trump	X X X	https://24.sapo.pt https://mag.sapo.pt/ https://mag.sapo.pt https://www.rtp.pt
13 de setembro de 2017	Filme sobre sobrevivente do atentado à Maratona de Boston estreia-se em hospital		https://www.jn.pt

	<p>Terceiro Sintra Press Photo expõe trabalho de João Pina</p> <p>Novo centro de estudos em Itália vai debruçar-se sobre a obra de Caravaggio</p>		<p>https://www.tsf.pt</p> <p>https://www.dn.pt</p>
14 de setembro de 2017	<p>Ator da série “Os Sopranos” Frank Vincent morre aos 78 anos</p> <p>BREVES: Cultura - Mexefest confirma atuações de Washed Out e Luís Severo</p> <p>Paris acolhe museu dedicado à obra do escultor do Cristo Redentor Paul Landowski</p>		<p>https://www.publico.pt</p> <p>https://mag.sapo.pt</p> <p>https://observador.pt</p>
15 de setembro de 2017	<p>João Gomes afastado dos finalistas da competição internacional de dança Genée</p> <p>Academia Europeia de Cinema distingue atriz Julie Delpy com prémio honorário</p>		<p>https://www.dn.pt</p> <p>https://observador.pt</p>
19 de setembro de 2017	<p>Documentário de Vanessa Redgrave alerta para a violação dos Direitos Humanos</p>	X	https://mag.sapo.pt
20 de setembro de 2017	<p>França vai taxar plataformas Netflix e Youtube para financiar cinema</p> <p>Museu dedicado ao ‘graffiti’ abre portas em Berlim</p> <p>Músicos portugueses celebram canções de Leonard Cohen e concertos já estão esgotados (C/ ÁUDIO)</p> <p>Cantor Richie Campbell vai atuar no Meo Arena em fevereiro</p>	<p>*Entrevista aos músicos David Fonseca e Miguel Guedes por telefone.</p>	<p>https://24.sapo.pt</p> <p>https://www.dn.pt</p> <p>https://www.rtp.pt</p> <p>https://www.dn.pt/</p>
22 de setembro de 2017	<p>Tate Modern em Londres acolhe primeira exposição a solo de Picasso</p> <p>Casa da Memória em</p>		<p>https://www.dn.pt/</p> <p>https://24.sapo.pt</p>

	<p>Guimarães ganha prémio Europeu de Turismo Cultural Sustentável</p> <p>Inauguração da Casa da Arquitetura em Matosinhos vai decorrer em três dias</p>		<p>https://www.tsf.pt</p>
25 de setembro de 2017	<p>Arcade Fire apresentam novo álbum em Lisboa a 23 de abril</p> <p>BREVES: Cultura - The Script dão concerto em Lisboa a 23 de março de 2018</p> <p>Ator Harry Dean Stanton homenageado no Monumental de Lisboa e no Rivoli do Porto</p> <p>Roger Waters atua em Lisboa a 20 de maio de 2018</p>		<p>https://www.tsf.pt</p> <p>https://24.sapo.pt</p> <p>https://www.publico.pt/</p> <p>https://24.sapo.pt</p>
26 de setembro de 2017	<p>Sequela do filme "It" chegará aos cinemas em setembro de 2019</p>		<p>https://www.jn.pt</p>

27 de setembro de 2017	<p>RTP divulga lista dos 26 compositores do Festival da Canção de 2018</p>		<p>https://www.dn.pt/</p>
28 de setembro de 2017	<p>Peça "Ways of Looking" em Lisboa conjuga as obras de John Berger e Shakespeare</p> <p>Filme de Gabriel Abrantes entre os 15 nomeados a melhor curta-metragem europeia</p>	X	<p>https://www.dn.pt</p> <p>https://www.publico.pt</p>
29 de setembro de 2017	<p>Cientistas do Louvre em Paris investigam desenho semelhante a "Mona Lisa"</p>		<p>https://www.dn.pt</p>
2 de outubro de 2017	<p>Cineasta Frederick Wiseman irá receber prémio honorário no Festival Camerimage</p>		<p>https://www.tsf.pt</p>

3 de outubro de 2017	<p>PERFIL: De Elvis aos Beatles, Tom Petty traçou o seu rumo em direção à música</p> <p>Universidade Nova vai debater desafios éticos e futuro do jornalismo contemporâneo</p>		<p>https://www.tsf.pt</p> <p>https://www.dn.pt</p>
4 de outubro de 2017	<p>Carla Bruni estreia-se em Portugal em janeiro de 2018</p> <p>Autores “tradicionais” dominam apostas para o Nobel da Literatura de 2017</p>		<p>https://24.sapo.pt</p> <p>https://observador.pt</p>
6 de outubro de 2017	<p>BREVES: Cultura - Niall Horan atua pela primeira vez a solo em Portugal a 12 de maio</p> <p>MAAT encerra primeiro aniversário com mais de 12 mil entradas</p>		<p>https://24.sapo.pt</p> <p>https://24.sapo.pt</p>
9 de outubro de 2017	<p>Thirty Seconds to Mars regressam a Portugal a 10 de abril</p> <p>Artista Bordalo II inaugura exposição “ATTERO” em Lisboa a 04 de novembro</p> <p>BREVES: Cultura (2ª edição) - Exposição “O mundo de Steve McCurry” inaugurada no próximo sábado</p>		<p>http://blitz.sapo.pt</p> <p>https://www.tsf.pt</p>
10 de outubro de 2017	<p>Meryl Streep e Judi Dench entre as atrizes que condenam produtor Harvey Weinstein</p>		<p>http://sicnoticias.sapo.pt</p>
11 de outubro de 2017	<p>Teatro Nacional D. Maria II reinterpreta “palavras de há 500 anos” em Lisboa</p> <p>Academia Britânica de Cinema e Televisão suspende produtor Harvey Weinstein</p>		<p>https://24.sapo.pt</p> <p>https://www.dn.pt</p>

13 de outubro de 2017	Mostra pública POSTER volta a transformar Marvila numa “galeria a céu aberto” (C/ ÁUDIO, VÍDEO E FOTO)	X	www.destak.pt
17 de outubro de 2017	São em espetadores que fazer “O Ato da Primavera” no palco do Teatro D. Maria II (C/ FOTO)	X	https://www.ojogo.pt
18 de outubro de 2017	“Romeu e Julieta” sujeitos às metamorfoses de um ‘cheesecake’ na versão do Teatro Praga	X	www.cmjornal.pt
19 de outubro de 2017	PEN Clube divulga finalistas para os prémios de Poesia, Ensaios e Narrativas		https://www.tsf.pt
20 de outubro de 2017	Cantor Sam Smith atua em Lisboa a 18 de maio de 2018		http://blitz.sapo.pt
22 de outubro e 2017	Investigador da crítica nos ‘média’ defende “reconstrução radical” da prática jornalística	X	
23 de outubro de 2017	BREVES: Cultura - Artista de hip hop Russ atua pela primeira vez em Portugal a 07 de março Mostra de Teatro de Almada celebra em palco peças clássicas e originais Mostra de Cinema Olhares Sobre Angola leva a público de Lisboa “novos autores”		http://jornaldoluxemburgo.com http://diariododistrito.pt https://www.dn.pt
24 de outubro de 2017	Peça “Sopro” estreia-se em Lisboa num “ambiente familiar” à protagonista Museu do Louvre angaria fundos para obter o livro de horas do Rei Francisco I		https://www.tsf.pt www.cmjornal.pt
25 de outubro de 2017	Grupos feministas contra retrospectiva de Roman Polanski na Cinemateca Francesa		https://www.dn.pt

<p>26 de outubro de 2017</p>	<p>Marilyn Manson despede o baixista Twiggy Ramirez face a acusações de violação</p> <p>Kenneth Branagh distinguido com dois prémios honorários no Festival Camerimage</p>		<p>www.lux.iol.pt</p> <p>https://www.dn.pt</p>
----------------------------------	--	--	--